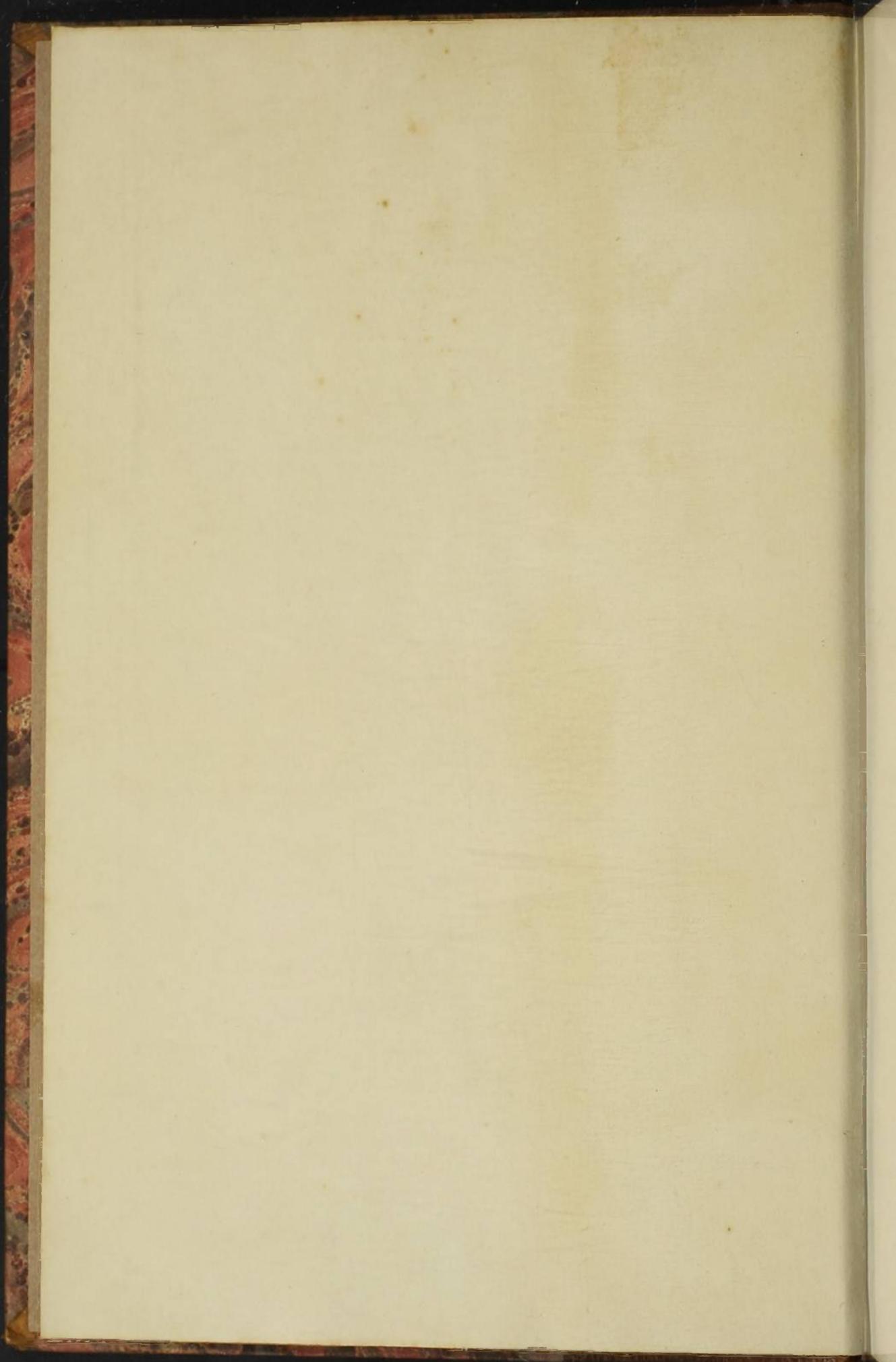


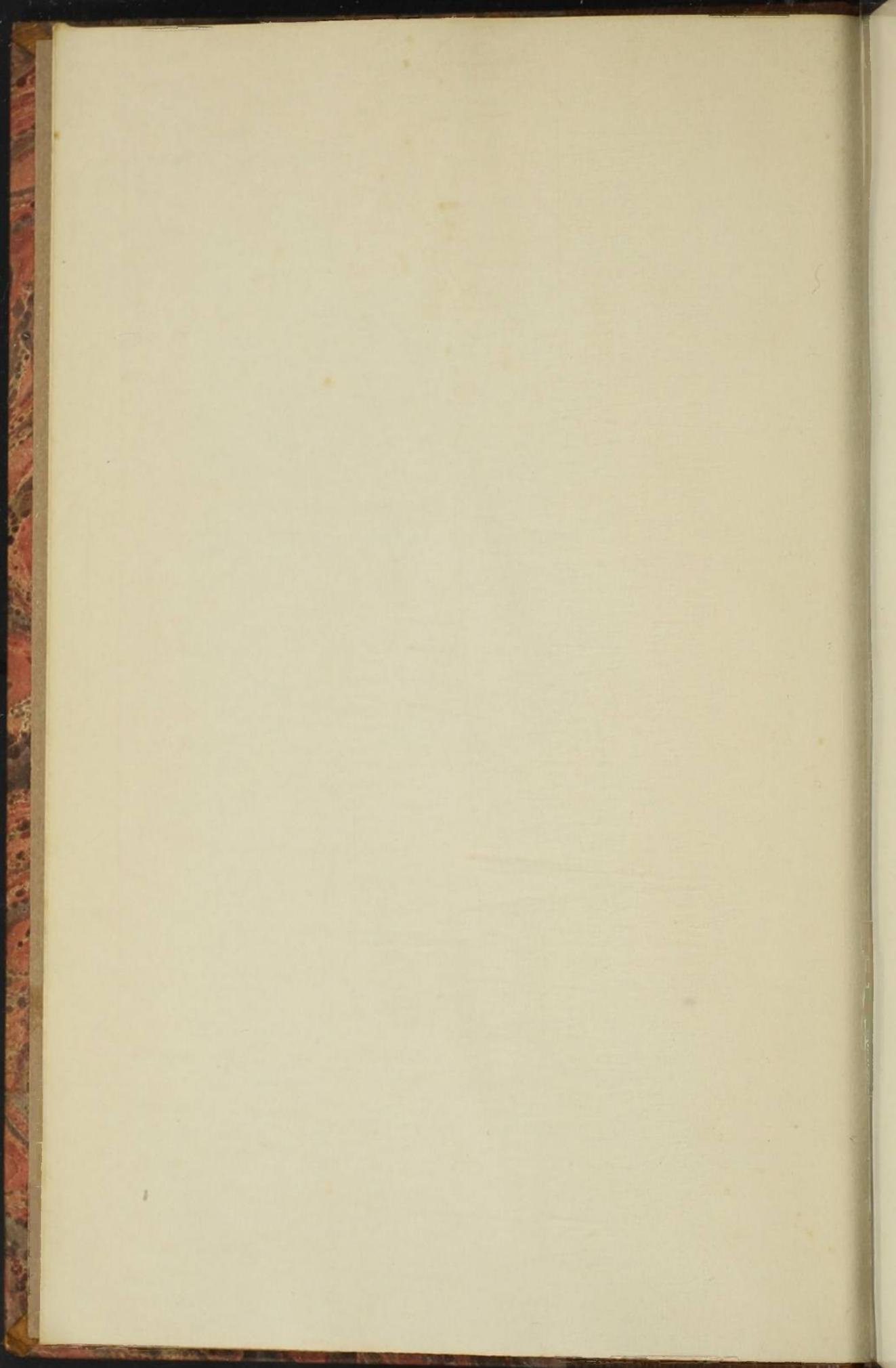
Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

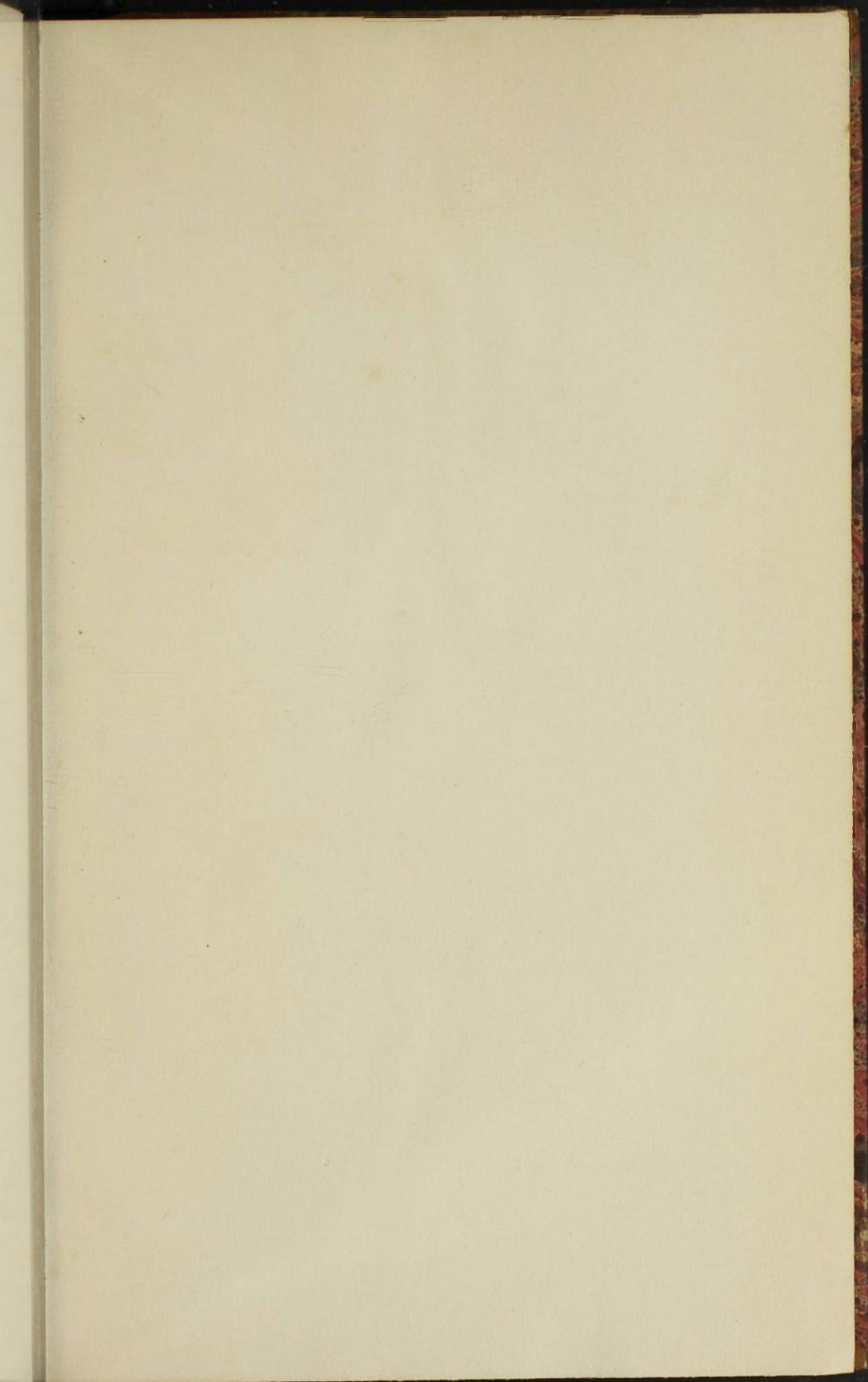
*(Montaigne, Des livres)*

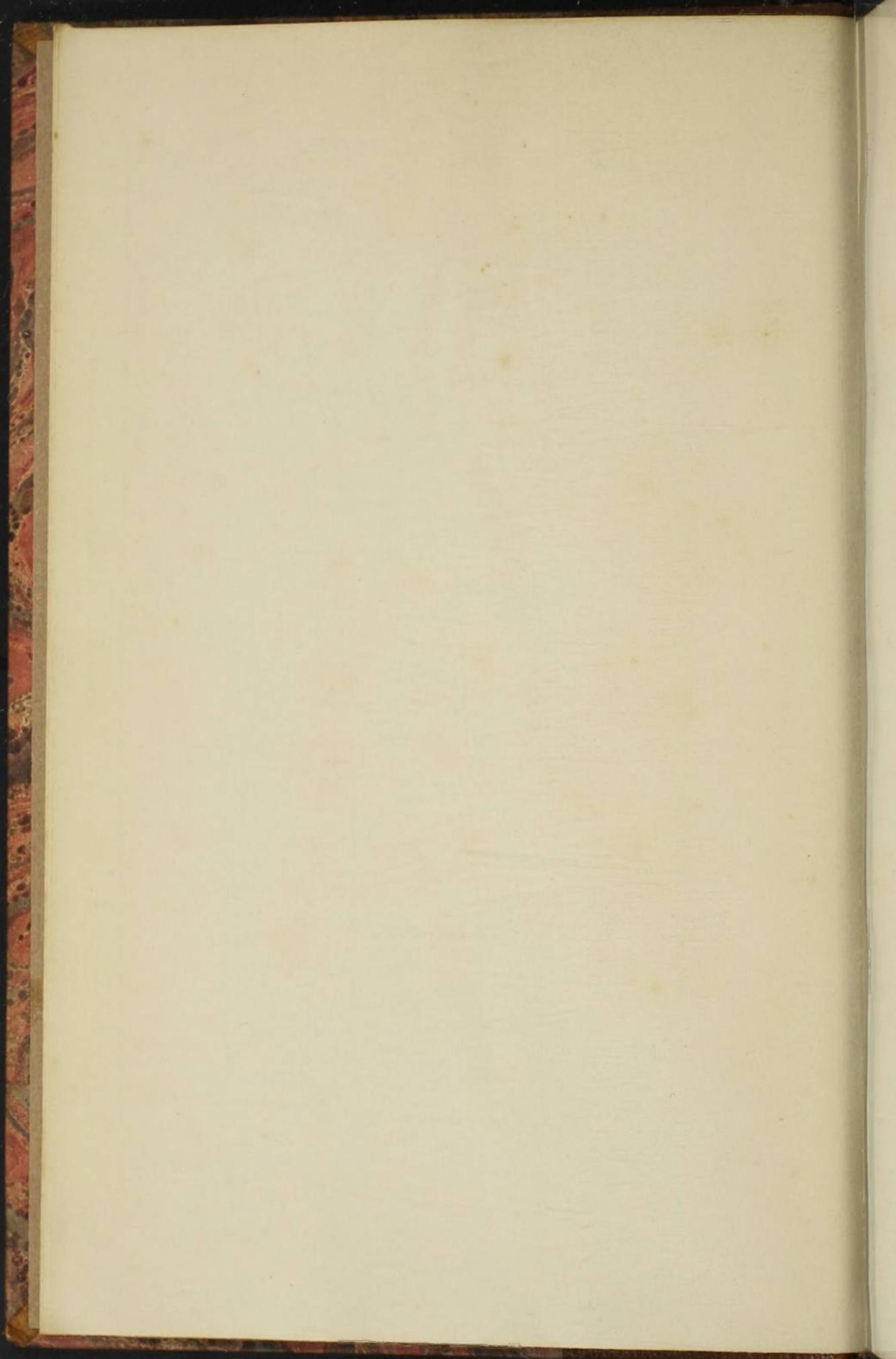
Ex Libris  
José Mindlin



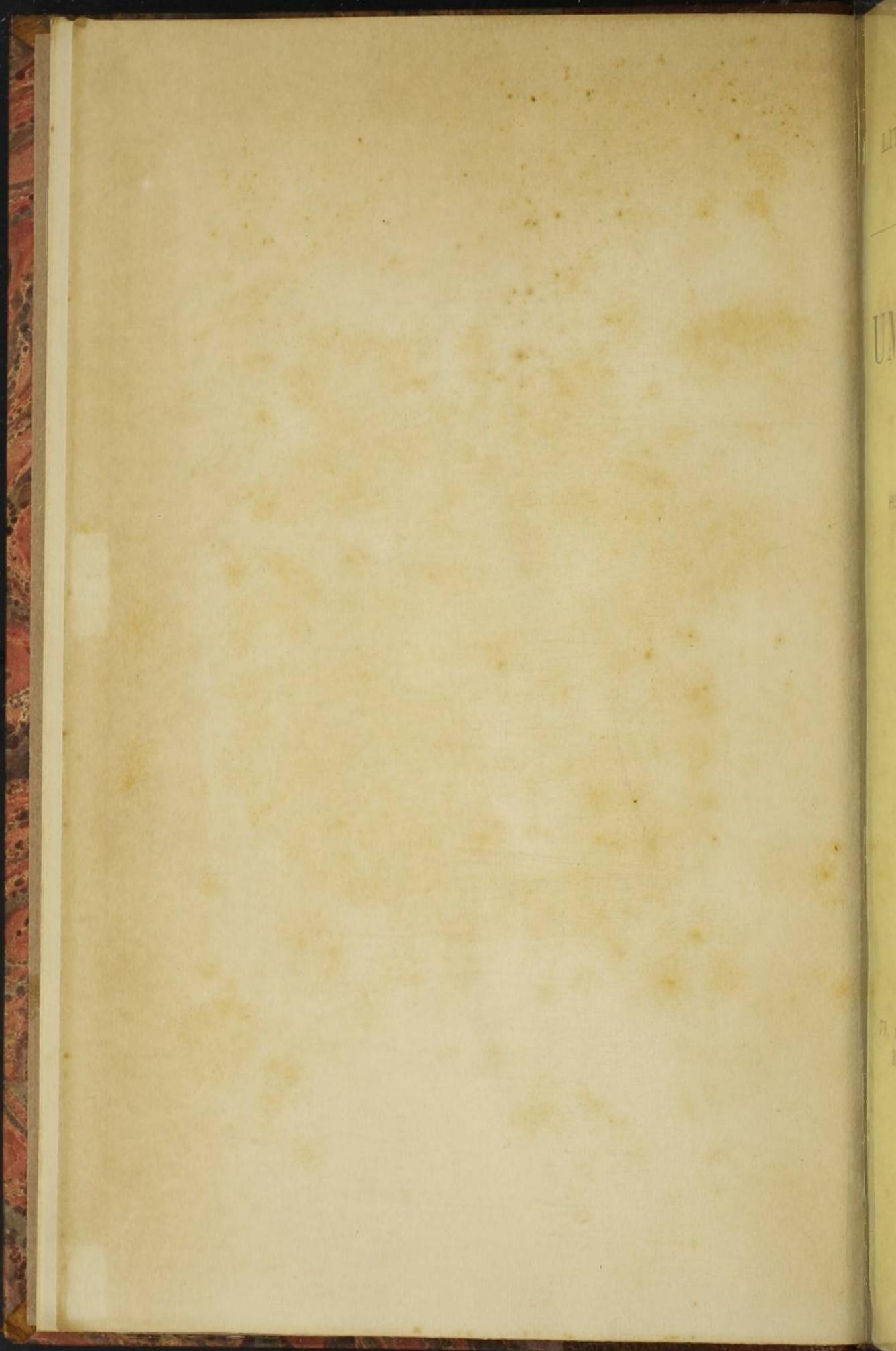












LITTERATURA DO NORTE

QUARTO LIVRO

---

# UM CASAMENTO

NO ARRABALDE

HISTORIA DO TEMPO EM ESTYLO DE CASA

POR

**FRANKLIN TAVORA**

---

NOVA EDIÇÃO

---

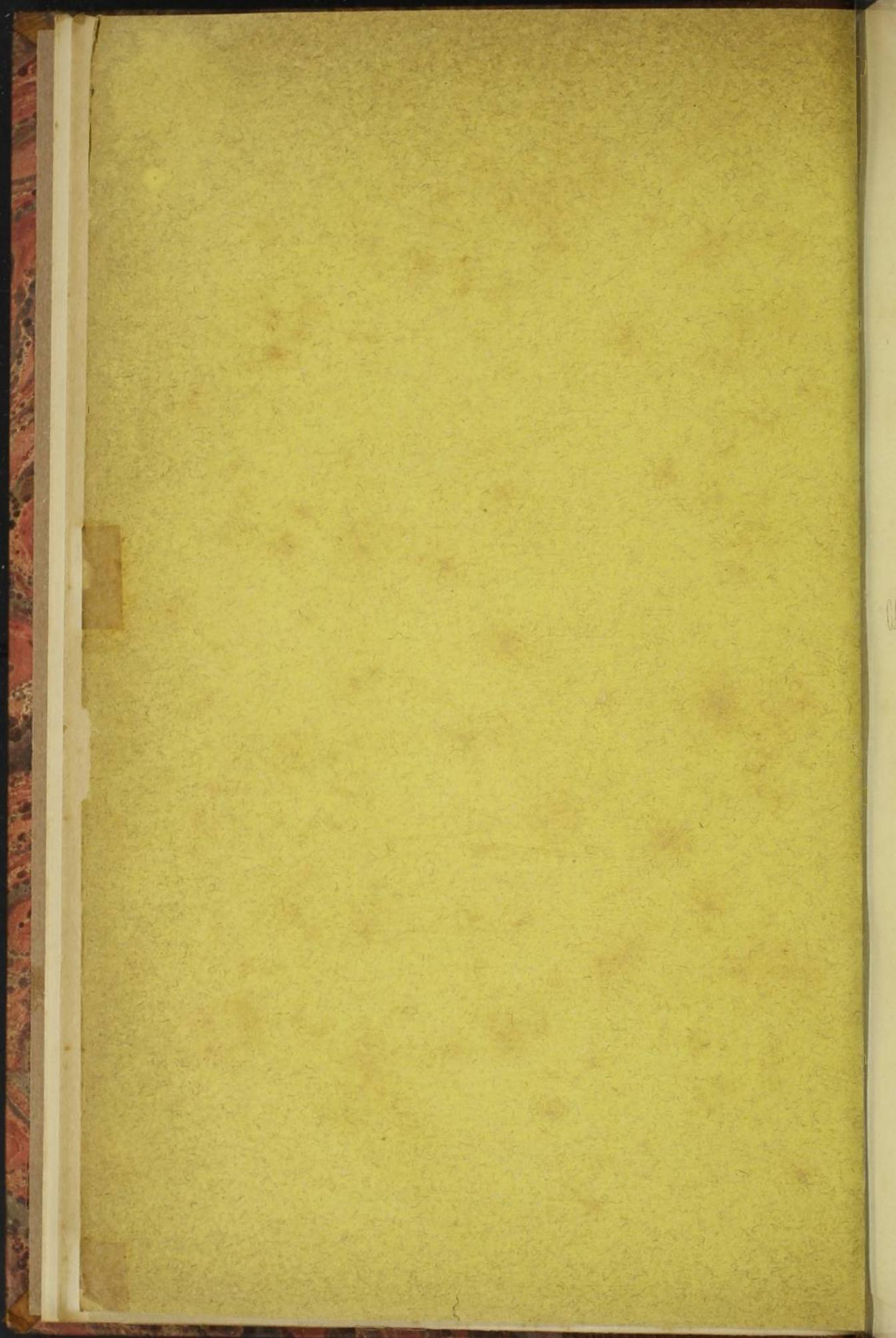
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
PARIS

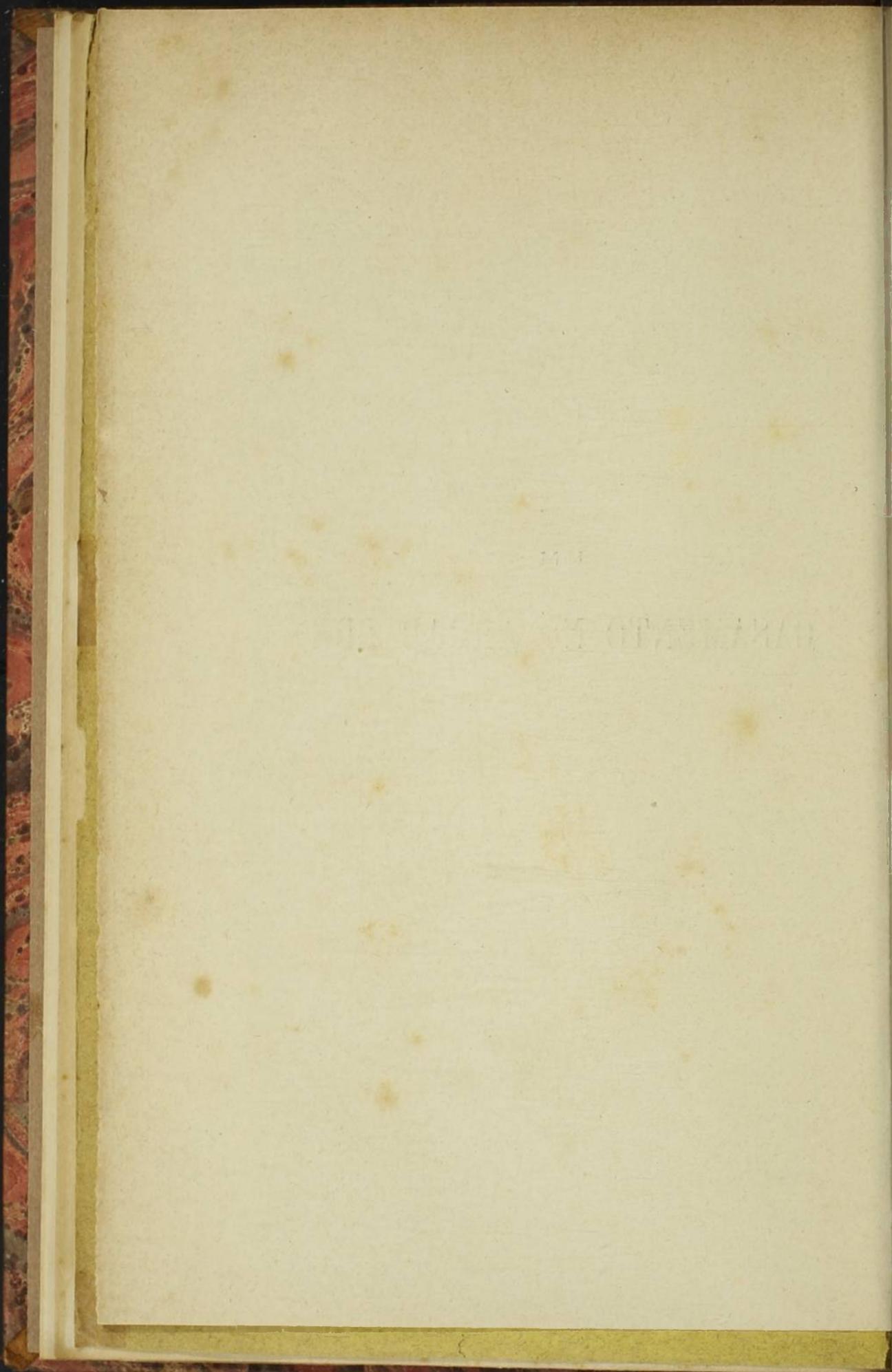
---

1903



UM

CASAMENTO NO ARRABALDE



LITTERATURA DO NORTE

QUARTO LIVRO

---

# UM CASAMENTO

NO ARRABALDE

HISTORIA DO TEMPO EM ESTYLO DE CASA

POR

FRANKLIN TAYORA

---

NOVA EDIÇÃO

---

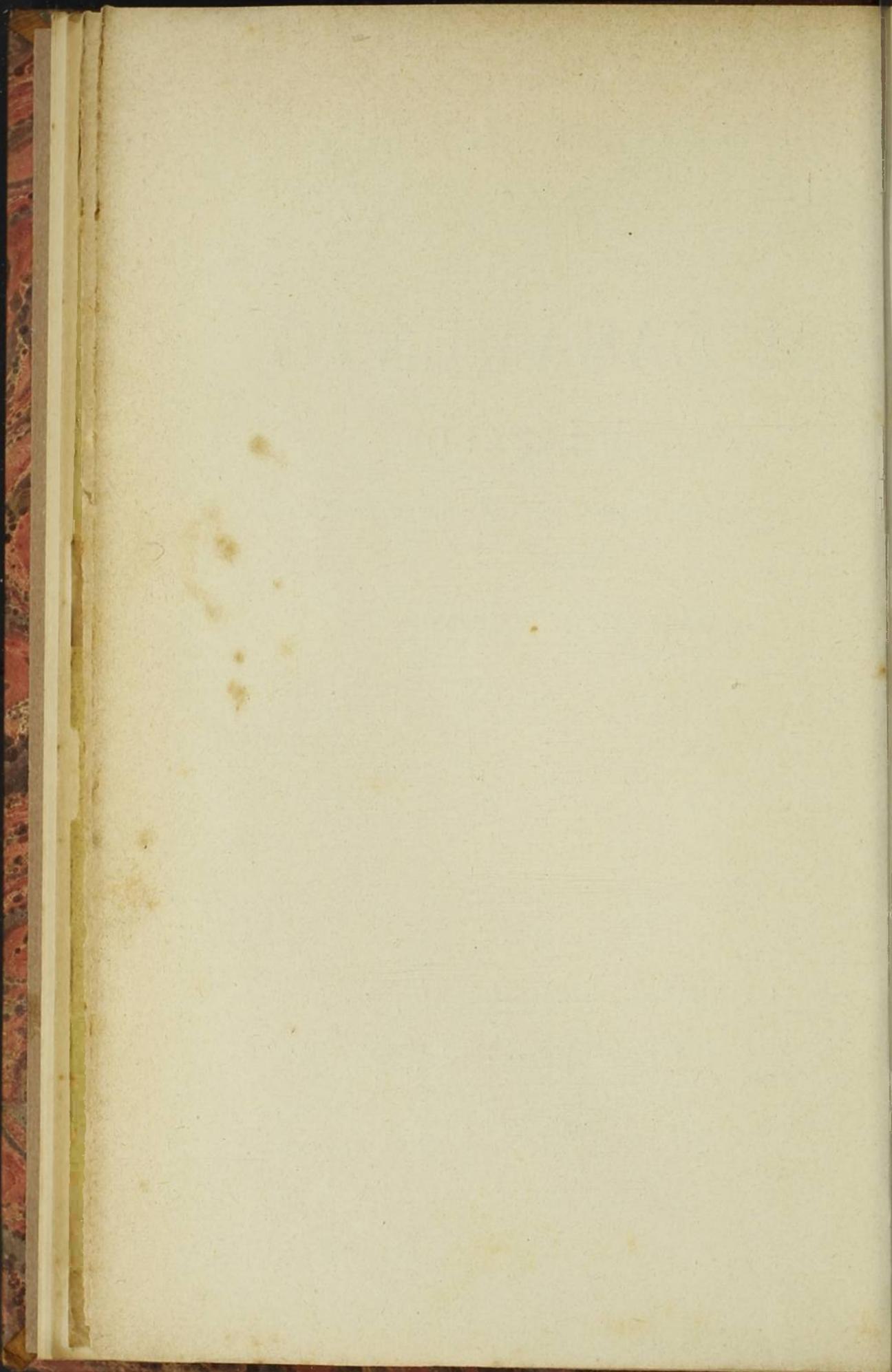
H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71  
RIO DE JANEIRO

| 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6  
| PARIS

---

1903



## AO LEITOR

---

O presente romancete, brinco da minha penna quando ella ainda queria borboletear, mereceu de Aprigio Guimarães menção honrosa na sua *Opinião Nacional* a que fez companhia a imprensa diaria do Recife; e ao nome do finado jornalista veio juntar-se em 1878, no primeiro dos documentos ineditos que compõem o *Appendice* a este livro, o nome de um escriptor bem reputado, o sr. Rangel de S. Paio, cujas amabilidades deixam em grande divida o autor do *Casamento no arrabalde!* producção que tenho por bem fadada, porque a ninguém desagradou que eu saiba, nem mesmo aos que n'ella entram, ainda que com outros nomes para não ficarem de todo conhecidos.

Posso portanto concluir que este livro está du

plamente julgado — julgado por um homem do norte que esteve na côrte, e julgado por um homem da côrte que esteve no norte — duas autoridades dignas de respeito. O primeiro, como jornalista, deu que fazer, por mais de trinta annos, aos prelos do paiz, ora na polemica litteraria, ora na scientifica, ora na politica, foi lente de um curso superior, e teve o baptismo cortezão, visto que fez cá os seus primeiros estudos, e posteriormente cá voltou como deputado geral; o segundo é autor de dramas, é critico, poeta, escriptor estudioso, de reputação bem estabelecida, que não pôde ser dado por incompetente, porque recebeu os *santos oleos* (litterarios) na basilica da côrte onde officiam os sacerdotes summos, guardas da doutrina por excellencia.

Por estas razões, pôde dizer-se que o livro está com todos os sacramentos.

Todavia, não é por dar prova de perfeita conformidade com os cathecismos, ou por ambição de gloria que metto nos prelos pela segunda vez esta minha producção.

Sou um herege chronico e pelo que toca a nomeada litteraria, é muito secundaria a importancia que lhe dou, porque considero esta nomeada uma especie de balão que sobe se tem para a soprar uma roda de sujeitos de bons bofes, ou desce se lhe atiram um seixo da rua ou um arco de barril que acerte de fazer-lhe um rombo.

Dou á estampa o romance por uma razão muito

simples — porque tenciono tornar conhecidas da côrte, em segunda edição, as minhas producções a que ella não se deu ao trabalho de volver um olhar quando appareceram em primeira, naturalmente porque este phenomeno barbaresco se realizou em uma provincia.

O autor do *Casamento* tem a especial obrigação de expor a sua bagagem aos olhos da nossa policia — litteraria — municipal, visto que ha cinco para seis annos anda fallando em um novo genero cujo nome — *litteratura do norte* — não pôde soar bem em um mercado onde tanto abundam productos francezes e lusos que varios tomam por modelo para sua industria, com prejuizo da industria nacional que não pôde assim desenvolver-se e prosperar.

Neste ponto — o de opposição ao novo genero litterario — o meu amigo sr. Rangel está com os seus.

Com a modestia que o distingue pergunta-me se eu deixo que elle chame *pseuda* a esta litteratura.

Pois não! O termo é muito do meu agrado e muito do meu uso, tanto assim que já eu o applicava a litteratos da côrte, quando ainda residia entre os selvagens e era um d'elles — na provincia.

Não é retaliação, mas a verdade chronologica.

Na obra que destino á explanação do thema repellido, por immoral, revolucionario, inepto ou de mera propaganda pessoal, hei de fazer ainda

applicação d'aquelle termo que a respeito de certos poetas, romancistas, criticos e escriptores de cá, ainda diz pouco.

A obra a que alludo, intitula-se — *O Norte*, e será dividida em tres partes ou tomos : I — *Litteratura*; II — *Historia*; III — *Politica*.

Será uma obra de generalização, de exame, e, se o quizerem, de polemica.

Vai entrar já em composição typographica para que responda sem tardança ás perguntas de alguns impacientes a quem a minha *Litteratura do Norte* parece ir tirando o somno.

Isto summamente me agrada; mas sempre direi que não ha razão para incommodos nervosos ou hystericos.

O livro não ha de ser um beijo, mas tambem não será uma explosão.

A dynamite está longe da minha indole, comquanto esteja no character das côrtes.

Isto mesmo melhor se provará no referido livro, não n'este que é innocente, que é filho de paixões inoffensivas e ideaes, que é livro para ser lido por mulheres, não meditado por homens, livro meigo, não livro severo como talvez pareça o outro.

Leia-o, leia-o o leitor, que ha de dar-me razão.

Larangeiras, outubro de 1881.

UM  
CASAMENTO NO ARRABALDE

HISTORIA DO TEMPO  
EM ESTYLO DE CASA

---

Vou contar uma historia para quem não tiver que fazer.

A fallar a verdade, foi uma historia acontecida, e não inventada; falta-lhe por isto certo tom de imaginativa, que prenda pelos entrecchos. Aqui mesmo não ha entreccho algum, só sim que é tudo verdadeiro, isto affirmo eu, palavra de honra, ao piedoso leitor que ainda tiver curiosidade de saber coisas de casamento.

E comtudo haveria seu inconveniente em declarar os nomes dos personagens. Deve ter-se muito respeito ás susceptibilidades. Nada. Não estou para graças. O caso é um pouco grave, e não me quero expôr. Já faço muito em contar os factos como elles se deram. Isto de certo não é pouco.

Que os ditos personagens são nacionaes, e nossos contemporaneos, e mais alguma coisa, isto são elles. Mas em logar dos nomes de baptismo, demos-lhês outros, chrismemol-os. Hão de acudir pelos novos nomes, porque são bem educados, e conhecem a conveniencia d'estas mudanças — mudanças sómente na fôrma, porque, no tocante ao fundo, este é o mesmo. O fundo subsiste sempre.

Ao primeiro personagem de que devo tratar, chamarei D. Maria. E' viuva de um bravo capitão do exercito, tão bravo que se lhe poderia dar a denominação de heróe; foi um typo importante da rebellião praieira de 1848. Com D. Maria vivem sua filha solteira D. Bellinha, belleza nubil de angelical simpleza, e mais quatro netinhas, crianças encantadoras, orphãs de sua filha mais velha, fallecida prematuramente.

Em casa de D. Maria está hospedada a sua cunhada, D. Emilia, com a filha solteira. D. Lucilla.

O ponto onde estão, um arrabalde pacifico, silencioso, solitario e ainda pouco povoado, não obstante ficar junto do Recife. Para chegar ahi quem vai da cidade, tem de caminhar alguns minutos na direcção do occidente, assim como quem vai para o sertão; mas o sertão fica muito longe, muito longe ainda, muitas leguas além.

Vencida uma rua no sentido longitudinal, volta-se a esquina á direita, e dá-se na estrada, por onde a natureza palpita, pullúla e viça, diffundido feitiços, esboçando paineis, sorrindo-se e esgarçando-se como visão phantastica de lendas orientaes.

A visita á estrada deve fazer-se de dia, de verão, quando ha bom tempo. Eis então o que ha de ver o visitante. A luz inunda as pittorescas paisagens que formam o conjuncto da estrada. Mangueiras, cajueiros, cercas de limoeiros iguaes que protegem verdes laranjaes matizados de brancas flôres, madresilvas pendentes, mangericões em moitas, cinamomos isolados, risos-do-prado embastidos por cima dos portões dos sitios, alguns d'estes novos, alguns velhos, alguns antigos de muros e paredes caindo — espalham n'esta abençoada zona tão branda e fragrante temperatura, formam ahí tão bello aspecto de natureza intermedia entre o campo e a floresta, que aquelle visitante ha de comprazer-se em contemplar o panorama.

Tudo isto é de dia. Ora, ao anoitecer, a coisa já é outra. Os crepusculos não são absolutamente tristes : são saudosos. Sente-se bem-estar em vel-os subir da estrada aos ares : Victor Hugo diz que ha um erro em dizer que a noite desce; a

noite sobe, vai debaixo para cima, diz elle. Que feliz disposição de espirito quando se passeia, ao crepusculo da tarde, por estas veredas, por estes ternos retiros!

Lá nos fins da estrada apparece, a um lado, a modesta ermida, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição.

A estrada semelha um rio deslizando-se preguiçoso por entre margens sombrias, em que se levanta, a espaços, uma casa erma, perdida na espessura das opulentas folhagens. A grama, que borda os lados, e vai entrando, por junto dos pés das arvores, até bem dentro dos sitios, é o mais aveludado tapete, o mais macio e brando leito para a gente pousar, ou deitar-se quando se sentir cansado da tirada.

Perto da casa de D. Maria, vê-se uma casinha de tres janellas fronteiras, e portão de madeira ao lado, com um pedaço de terreno aos fundos, cortado obliquamente em fôrma de latina. Reza uma tradição ter estado ali recolhido o desembargador Nunes Machado, algumas horas antes de cair morto de bala, a 2 de fevereiro de 1849, por occasião de assalto dos *praieiros* á capital.

Actualmente (1869) quem mora na casa tradicional é um bacharel em direito, por nome Tulio, unica providencia da mãe e dos irmãos n'esta

terra, em que as providencias, em geral, tudo esperam da divina providencia. O bacharel, em conversa, diz que ainda lhe parece respirar ali os restos do patriotismo pernambucano que succumbiu quasi todo n'este dia infausto. Creio que elle tem razão. Lacedemonia já não é Lacedemonia. Aos que não tiverem perdido inteiramente o sentir de Esparta, aos contemporaneos que pensarem ainda em melhorar as paixões e os costumes publicos, a estes o que resta é pedir ao passado memoria gloriosa, e n'ella se inspirarem, e com ella se cobrirem da baixeza do presente.

Aqui o homem de letras definha á mingua de meios de vida. Litteratos, philosophos, poetas, escriptores, são inuteis bipedes, animaes desprezados, porque muito pequeno é o seu prestimo. Por isso Tulio, que tem pretensões a litterato, e se mette, não raro, a poeta bucolico inventando Menalcas e Dametas que poucos apreciam, foi refugiar-se n'este recesso onde, como Cincinnato, faz o trabalho de enxada do sitio com as suas proprias mãos academicas. Entre parenthesis : para prevenir criticas esmagadoras, criticas tafues de Aristarchos improvisados, fique bem assentado que Cincinnato, em lugar de enxada, usava charrua.

Parece que o contacto com a memoria, ou, ao

menos, com a tradição, não inteiramente esquecida, sobre o martyr do triste drama de 2 de fevereiro de 1849, compelle o nosso litterato a meditar algumas vezes sobre o futuro da patria. Coisas de poeta, loucuras de estro desvairado. Se elle fosse politico genuino politico estreme, pensaria, antes no seu propria futuro, porque, isto de proximo é palavreado; não ha ninguem mais proximo de um homem do que elle mesmo. Eu antes do proximo, ou eu primeiro, depois proximo ou o proximo depois de mim, isto comprehende-se bem; o que não fôr isto, n'este assumpto, é utopia. Tudo o mais é historia. Patria é entidade abstracta. Ao menos, é assim que pensam os homens da côrte, segundo o que por cá se diz. Ora, ninguem mais competente do que elles para dar opinião, porque lá é que está a cabeça da chamada patria, lá é que está o coração, lá é que está a barriga da pretendida patria; cá está a canella, ou talvez o tornozelo, senão o calcanhar da tal bicha.

Depois da meditação, vem o aperto do coração; eu estou tratando ainda do Tulio, o bacharel simplorio e sonhador. Tem elle umas idéas exquisitas, idéas suas, digo mal, idéas de muita gente já n'este mundo de terra, onde existe um imperio encanecido entre republicas jovens.

Estas idéas são effeito de uns aromas de liber-

dade que nos chegam de longe, trazidos por paquetes que vem de além do Panamá. Em termos claros : diz Tulio que tudo isto só ha de tomar caminho quando triumphar absolutamente a democracia pura da aristocracia gasta — causa dos males que nos affligem. Ora, deixemos de politicar.

Conversando-se com o poeta, percebe-se a audacia do talento, da mocidade e do patriotismo.

E que coração é o seu ! A igualdade e a fraternidade em todo o genero humano — eis o seu constante sonho. Ver os pobres subir, e os ricos descer, para ficarem todos no mesmo nivel — eis a sua primeira aspiração. Utopias, utopias ! — dirão os cortezaos de Cesar. Lá se avenham elles com Tulio.

E' entusiasta do espirito, como da virtude, e não menos do trabalho. Ama a liberdade com os estremecimentos dos corações juvenis. E' assim que se ama nos primeiros annos uma pulchra mulher, perfeição nas fórmãs, virtude na alma, liberalidade no sentimento, lhaneza no character, nobreza no animo.

Em traços rapidos mas exactos está aqui o bacharel Tulio. Elle é isto, nem mais nem menos.



Uma manhã D. Emilia entrou em casa do bacharel.

D. Emilia foi educada em Paris. E' mulher de espirito superior, e muito aprendida. Toca muito bem, canta ainda melhor. Falla correctamente o francez; sabe historia; conhece um pouco a geographia; dá a sua opinião, nem sempre puramente theorica, sobre politica; entende de desenho; até mette a colher no *Syllabus*. Por aqui se vê que ella não se confessa. E' quasi athea.

Sente verdadeiro prazer em mitigar a fome, a nudez, a dôr dos pobres. Soube uma vez que um cego de portas não tinha vinte mil réis, em quanto importava a folha corrida que lhe exigia o director da instrucção publica afim de admittir-lhe a filha a exame de habilitação para o magisterio. Tanto bastou para que, estando pouco depois em uma reunião familiar com pessoas de sua ami-

zade, e tendo cantado e tocado de modo que de todos mereceu applausos, se levantasse pedindo a cada um dos circumstantes um óbolo para a moça. E tirou a quantia, que entregou integralmente ao velho.

Outra vez achava-se na sala de um dos nossos aristocratas, um dos nossos homens de sangue azul e apregoada nobreza. Não sei por que singular anomalia se achava também ali um mulato, que começava a distinguir-se por um soberbo talento para a pintura. Senão quando vem segredar-lhe Lucilla ao ouvido que as outras moças conspiravam contra o mulato no sentido de se negarem a dançar com elle.

Com effeito, tinham ellas resolvido caladinhas esta conspiração. Mas, formado o quadro, D. Emilia levanta-se animada de sublime altivez, levando a filha pela mão. Todas as vistas cravaram-se n'ella que, aproximando-se do paria, disse:

— Sr. Lucio, venho pedir-lhe o favor de dançar com minha filha.

— Com muita satisfação, minha senhora; mas creio que... não acharemos *vis-à-vis*.

— Serei seu *vis-à-vis*. Meu par é o barão de...

E então? Que tal a moça, a parisiense, como alguns lhe chamavam ao principio?

Ora, tudo isto é muito elevado, e sobretudo

muito bonito; mas não é ainda para nós, não está nos nossos costumes, e muito menos nos nossos preconceitos, principalmente em Pernambuco, segundo penso, porque das outras provincias e da côrte nada posso ainda dizer. Em Pernambuco isto não se faz impunemente, em Pernambuco — torrão classico de tesos fidalgotes, cada qual mais inquinado de prejuizos, de erros, de defeitos, cada qual tão nobre como o pae Adão (deixem-me fallar n'este sujeito, que vai caindo em esquecimento) que nunca teve brazões de fidalguia, porque nasceu do pó, como as toupeiras. Isto é, assim dizem as escripturas, não que eu acredite.

Por estas e outras, D. Emilia não cessa de estar na bocca dos maldizentes. Têm dito d'ella cobras e lagartos, muitas coisas feias cá na provincia; algumas nem merecem a pena de referir aqui. Estranham que ella vá á rua desacompanhada, ou sómente tendo a filha por companhia; mas ella não faz caso dos reparos maliciosos, nem deixa de sair quando lhe parece. Censuram que, levada do enthusiasmo, bata palmas ao acto, e dê bravos á cantora insigne; mas ella não deixa de manifestar a sua admiração por meio d'estes applausos que julgam incompativeis com as condições de mulher honesta. Para dizer tudo de uma vez, condemnam sem piedade a confiança da liberdade

que não refrea os impetos, condemnam os sentimentos de igualdade e fraternidade que n'esta mulher sublime estão ligados ao seu temperamento, que são forças physiologicas. Perdem porém o tempo e o latim os que assim exercem a sua merdacidade, porque D. Emilia tem força de vontade, é tenaz, e sabe defender-se quando a atacam. Na realidade, quem póde com um espirito esclarecido, e uma vontade forte?

Além da bondade, outros dotes distinguem D. Emilia. O esplendor, a harmonia, a correcção das suas fórmãs dão logo na vista.

Este conjuncto de qualidades que não se encontra sempre numa só pessoa, devia ter-lhe affiançado a felicidade. Pois não foi assim.

Voltado ao Brazil casou-se, por accôrdo de familia, com um sujeito desproporcionado á sua altura moral : em D. Emilia prepondera a lei dos espiritos — a elevação, em Magalhães prepondera a lei dos corpos — a descensão.

Magalhães, portuguez de pouca educação, botou fóra tudo o que a mulher lhe levou em dote — alguns contos de réis, que bastariam, nas mãos de outro portuguez que pertencesse á regra geral, a assegurar-lhe futuro, se não brilhante, ao menos tranquillo. Não contente com esbanjar-lhe o pouco que o trabalho e a economia de paes honestos

tinham ajuntado e deixado, com a melhor educação, á filha dilecta, dava-lhe má vida, de que não estavam longe as humiliações e até as vias de facto.

Um dia o anjo irritou-se : fique bem discriminado que os anjos tambem se irritam ; isto não acontece sempre, mas acontece algumas vezes — quando a escala do martyrio está esgotada. D. Emilia gosta do que é bello, elevado, grandioso, n'este mundo, e parece ter proxima affinidade com as grandezas presumiveis do outro, ou dos outros mundos — os mundos ideaes, espirituaes, moraes, metaphysicos, mysticos, e outros ainda, que as philosophias vão creando hoje, destruindo amanhã, reconstruindo depois. A alma de D. Emilia tinha expansões vastissimas que não podiam accommodar-se no circulo traçado pela ponta dos instrumentos de supplicio de Magalhães. Em pleno dia, a moça saiu de casa conduzindo pela mão a pequena Lucilla com cinco annos de idade ; e um mez depois estava em Pernambuco vivendo do seu trabalho, perfeitamente feliz porque recobrou a liberdade. Todos os flagellos têm seu termo, quer na familia, quer no Estado ; a mulher que soffre, como o povo que soffre, libertam-se ambos um dia do jugo dos tyrannos : só ha uma differença — a mulher, para escapar dos máos tratos do marido

cruel, deixa-lhe a casa furtivamente; a nação, esta põe abaixo, ou atira para um lado em publica praça, como se fez ultimamente em Hespanha, o imperante perfido, e fica senhora das suas acções, dominando no mesmo solo como soberana absoluta. Oito annos depois, Luiz Corrêa, pae de Pedro de quem adiante trataremos, convidavava-a para morar no seu engenho, afim de ensinar a uma filha o francez, o canto e o piano, industria de que a pobre senhora tirava a subsistencia desde a separação *quoad thorum et mensam*. Provieram d'ahi as relações amorosas entre Pedro Corrêa e Lucilla Magalhães, fervorosamente cultivadas e alimentadas durante os cinco ultimos annos.

Lucilla dir-se-ia que nasceu de um sopro, e com um sopro pôde desfallecer. E' o typo da mulher franzina em cuja mão se tem pena de pegar, cuja cintura se tem receio de enlaçar com o braço para dançar, porque se suppõe que vai quebrar-se o fragil vime. Organização quasi vaporosa, impalpavel, etherea, afigura-se a projecção ou o projecto de uma nuvem sobre a terra. Esta extrema delicadeza de fórmãs harmoniza-se com os tenues tons da voz debil, e os infantis movimentos.

Mas em compensação, que talento não tem Lucilla! Toca admiravelmente o piano, falla e escreve bem o francez, assim como escreve o por-

tuguez; e pesca algum tanto do italiano. Grande parte d'estes dotes perdeu-a por méro capricho, muito natural na sua idade e indole.

Quanto ao amor que ella consagra a Pedro, n'isto não se falla. Pedro é o seu ai-jesus!, é os seus melindres; Pedro é tudo para ella. Sem Pedro, não se comprehende Lucilla; sem Pedro, Lucilla não seria Lucilla; seria, talvez, Gabriella ou Maricota, uma Gabriella reforçada, uma Maricota travessa; faltar-lhe-iam a idealidade e a sentimentalidade do ser delgado, flexivel, transparente, quasi crystalino se não fossem as veias azues, as côres roseas que se desenham nas suas faces e mãos de admiravel primor artistico, quero dizer, primor natural.

A estimação que os dois mutuamente se consagram, tem simplicidades deliciosas; o seu amor d'elles chega a parecer tolo. Ora, apreciém lá este pratinho :

- Lucilla, você passou bem a noite?
- Dormi até de manhã.
- Vai almoçar agora?
- Vou. São nove horas. E você já almoçou?
- Já.
- Que estava fazendo aqui quando eu cheguei?
- Estava esperando por um pouco de fumo que mandei buscar lá em cima para o meu cachimbo.

Ficam alguns instantes em silencio, olhando um para o outro, elle enfiado, ella algum tanto córada, de pudor, de amor, de acanhamento sem motivo nenhum, porque o rapaz nem sequer lhe pega de uma das mãos, e muito menos a conchega ao peito, e muito menos ainda lhe dá o mais subtil beijo.

Não parecem dois tolinhos?



D. Emilia foi entrando em casa de Tulio, e foi dizendo, quando ainda tinha na mão a do bacharel:

— Sabe, doutor, que vim do engenho expressamente para tratar do casamento de Lucilla?

— Fico sabendo agora. Aceite os meus parabens.

— Quem dera que eu os pudesse aceitar!

— E porque não?

— Pois não sabe que o pae de Pedro se oppõe ao casamento do filho com Lucilla?

-- Porque motivo? Mas Pedro não é maior?

— Teim vinte e dois annos.

— Bastam vinte e um.

— Mas esta não é a questão. Que tem que elle seja maior de vinte e um annos, se o pae, que é autoridade policial, póde, querendo, e ha de querer, fazer-me todo o mal que puder? Além d'isto, não tem elle amigos politicos, não tem tal ou qual posição?

— D. Emilia — torna o bacharel — não obstante o que tem feito esta gente (referia-se aos politicos que estavam de cima), não quero acreditar que levem a ostentação da violencia ao ponto de passarem por cima de uma certidão de baptismo, quando não se trata de eleição ou de emprego publico. Tratando-se de eleição elles não escrupulizam passar por cima até de uma certidão de obito.

— A questão não é de certidão, sr. dr. Tulio. O que eu temo é que o pae de Pedro, empregando a força de que dispõe como subdelegado, empeça o casamento, se chegar a sonhar que se trata de o realizar.

— Mas n'este caso o que lhe parece que se deve fazer?

— Realizar o casamento quanto antes.

— Agora comprehendo. Quer dizer que se deve fazer o casamento ás escondidas. Não é isto?

— Exactamente.

— E os proclamas?

— Nada de proclamas.

— E a licença do juiz de orphãos sem a qual não ha padre que queira casar a menor?

— O que eu lhe digo é que tudo quanto fôr demorar o acto, offerece meios ao Corrêa de o frustrar. Não é medo que eu tenho dos poderosos;

é a consciencia do mal que me podem fazer.

— Acho-lhe razão.

— Mas, voltando aos proclamas, esta é a maior difficuldade que se me apresenta, porque o bispo não tem permittido dispensa de proclamas a ninguem.

— Isto é verdade; mas não quer dizer que elle os não dispense absolutamente.

— Formo idéa muito desfavoravel d'estes bispos que vem agora de Roma. Olhe : eu sou uma mulher bem singular. Emfim, não lhe posso dizer tudo o que penso do novo bispo.

Mezes depois d'estas palavras, o dito bispo prohibiu que o cadaver do general Abreu e Lima, illustre pelas suas lettras e posição, tivesse sepultura sagrada.

O bacharel fez-lhe esta observação :

— Devo dizer-lhe que o bispo, por doente, não trata d'isto agora. Quem está incumbido de despachar é o provedor do bispado, com o qual me dou.

D. Emilia pareceu ganhar novos alentos. A boa nova que lhe dera o bacharel, encheu-a de satisfação que lhe tranpareceu no semblante.

— Se o senhor conseguir a dispensa, se a menina puder casar-se, eu, vendida, não lhe poderei pagar tamanho favor. Olhe uma coisa : o casamento de

minha filha é a minha felicidade. Vendo-a eu amparada, posso morrer, morrerei satisfeita; estará preenchida a minha missão na terra.

Foi pressentimento talvez. Hoje, 3 de agosto de 1869, dia em que passo a limpo esta historia para a mandar imprimir, D. Emilia já não pertence ao numero dos vivos.

— Ora, não diga isto. Depois de a ver amparada, é que a senhora deve desejar longos dias de vida para apreciar a felicidade d'ella.

D. Emilia teve um assomo de ternura.

— O senhor não avalia o que é um filho. A gente dá tudo quanto tem, quanto possa vir a ter, pela felicidade de um filho. A existencia, a vida não é nada em comparação de tão grande bem aos alhos de um pae ou de uma mãe.

N'estas palavras viu o bacharel novas instancias para que elle se empenhasse pela dispensa dos proclamas, e pelo mais que fosse preciso á realisação do casamento.

— Fique tranquilla, D. Emilia. O pouco que valho esta á sua disposição. Tenho ainda alguns amigos, não obstante estar de baixo; são amigos que adquiri quando eu estava de cima; fiz-lhes favores que elles devem agora retribuir-me, a não serem tão esquecidos que de nada se lembrem mais. Espero cortar as difficuldades que se apre-

sentam. A partida vai ser jogada com quem dispõe de meios e manhas. Mas havemos de ver quem ganhará. A causa é tão justa que julgo se duplicarão as minhas forças, e a victoria será minha.

A afflicta mãe sentiu-se refrigerada com este balsamo suavissimo.

— Aceito a sua protecção, e confio n'ella. Permitta-me que de hoje em diante eu veja no dr. Tulio o anjo tutellar de uma pobre menina cujo pae... não existe para ella, e cuja mãe mal pôde chegar para si.

Pouco depois, D. Emilia despediu-se com a amabilidade que entrava no numero das suas distincções naturaes.

Retirou-se commovida.



Passaram-se perto de quinze dias. No que devia completar a quinzena, o bacharel Tulio encaminhou-se, no seu passo de homem serio, á casa de D. Maria afim de fallar a D. Emilia. Encontrou-a na sala solfejando uma musica que estava muito em moda.

Depois de principiada a conversação cujo assumpto — já se sabe — foi o casamento de Lucilla, disse o bacharel com ares de quem se saía com uma grande reflexão philosophica :

— Por mais que me esforce, ainda não pude alcançar a razão que determina o Corrêa a não levar em bem o casamento do filho com D. Lucilla.

— Pois é de facil alcance, sr. dr. Tulio, tornou D. Emilia. A razão é porque o Corrêa tem um engenho, emquanto eu tenho apenas a industria de que vivo. Ainda outra : o filho do Corrêa pertence a uma familia de sangue azul, ao

passo que Lucilla não tem ascendencia illustre.  
— Mas, perdão, D. Emilia; não são razões. Entre Pedro e D. Lucilla não vejo nenhuma distancia. A dizer a verdade, se a senhora é pobre, o Corrêa tambem não é rico; se o Corrêa é fidalgo, tanto tem elle de fidalgo, quanto a senhora de plebéa.

— Não ha fidalgos nem plebeus, sr. dr. Tulio; já houve, hoje não ha mais d'isto.

— De accôrdo. E' um modo de fallar, alludindo ao prejuizo da nossa sociedade, e especialmente d'esta provincia.

D. Emilia proseguiu na sua ordem de idéas :

— Todos somos iguaes, todos.— pobres, ricos, negros, brancos, caboclos, mestiços.

— Certamente. Eu não penso de outro modo.

— A questão magna das sociedades que caminham para a perfeição, é simplesmente de *direitos* e de *deveres*, condições estas que não pertencem exclusivamente a alguns, mas exclusivamente a toda ordem moral.

— Muito bem, muito bem ! exclamou o bacharel.

— Tanto é capaz de talento, riqueza, virtude, vicio, o mongolico, o caucasiano, o malaio, como o indio e o ethiope.

— Sem duvida, de pleno accôrdo — continuou, enthusiasmando-se, o Tulio.

D. Emilia não fez ponto ahi. Prosegui :

— Que importa que este homem tenha nascido na Europa, aquelle seja natural da Asia oriental ou do Japão, aquelle outro da Laponia, da Polynesia, da Patagonia ou da Hottentosia? O homem é simplesmente o homem. Seja qual fôr a sua origem, clara ou obscura, elle tem direito absoluto á liberdade, á instrucção, ás posições e distincções. O essencial é saber se elle tem merecimento por onde chegue a estas distincções e posições. O merecimento no negro torna este superior ao branco sem merecimento.

— Logo, concluiu o Tulio, que ainda possuia uma grande dóse de rhetorica academica, Pedro não é superior a D. Lucilla.

— Nem Lucilla a Pedro, completou D. Emilia, Não ha superioridade alguma; nenhum d'elles é superior ao outro. Não ha superioridade, e havendo-a, porque, como vimos, Pedro é filho de um senhor de engenho, Lucilla é filha de uma mestra de piano, e antes de tudo, estamos em Pernambuco, terra da nobreza.

Nas tres ultimas palavras havia ponta de ironia, O bacharel não quiz ainda ficar atraz :

— Fidalguia por fidalguia, a sua menina tem a fidalguia do talento, da honra e do amor. Tão

menina ainda, tem qualidades que eu admiro e louvo.

— Mas não tem a principal, o dinheiro. Verdade é que Pedro também não o tem.

— Não é o dinheiro — a senhora bem o sabe — não é o dinheiro o que um pae prudente deve procurar na mulher que destina para esposa de seu filho.

— Bem sei, sr. dr. Tulio. Mas quantas pessoas encontrará da sua opinião? E' verdade que não deixa de ser procedente a razão de não possuírem dinheiro minha filha e o filho d'elle para que se não casem. O Corrêa teve a franqueza de declarar-me que o unico motivo da sua opposição a este casamento é ver que a menina nada possui, e que elle, por sua parte, nada póde dar a Pedro. Acho-lhe razão n'isto; acredite entretanto o doutor que se eu não reconhecesse que fôra absolutamente impossivel arrancar do coração de minha filha tão funesta paixão, ha muito que me havia retirado da casa do Corrêa, e seria a primeira a impedir o casamento. Cedo ao destino de minha filha. Sinto em mim bastante força para topetar-me com todos os orgulhos dos chamados fidalgos d'esta terra. Esta menina porém vence a minha energia. Não lhe parece uma fatalidade isto, doutor?

— Não direi uma fatalidade, mas é sempre uma

falsa posição para um espirito eminente como o seu, minha senhora.

D. Emilia sorriu-se a esta *tentativa de reconhecimento* e respondeu graciosamente :

— Ah ! Isto é um galanteio ?

— Se galanteasse, rendia homenagem aos seus dotes. Mas no que eu disse ha justiça.

— Pois bem. Fallemos agora do meu negocio.

— Está tudo prompto.

— Prompto ? Deveras ? Tudo prompto já ?

— Promptinho da Silva.

— Bravo ? Parece-me impossivel ! Uma coisa que se me afigurava tão difficil de realizar-se...

— Pois não empreguei esforço. O provisor do bispado dispensa os proclamas, o juiz de orphãos concedeu a licença, Pedro e Lucilla podem casar-se hoje, se a senhora quizer.

— Não tenho expressões para agradecer-lhe tão grande favor.

D. Emilia estendeu a mão pequenina e bem feita ao bacharel que, tocando n'ella, estremeceu de uma sensação desconhecida.

— A' vista d'isto, effectuar-se-ha o casamento no sabbado -- disse ella.

— Mas podiam casar hoje ou amanhã. Para que demora ?

— E a confissão ?

— Conheço um padre, meu amigo e vizinho, que póde confessal-os, o padre Alexandre.

— Será o padre Alexandre o confessar : mas o casamento, por outros motivos, sómente no sabbado poderá realizar-se. Entretanto, rogo-lhe que se entenda com o padre hoje sem falta.

— Vou agora mesmo fallar-lhe.

-- Não exijo tanto pressa.

— O que se tem de fazer, faça-se logo. Elle mora perto. Com licença. Volto já.

Pouco depois o bacharel já estava de volta, e dizia a D. Emilia :

— Está tudo combinado. Sabbado de manhã, por volta de seis horas, D. Lucilla deve achar-se na capellinha onde o padre Alexandre a ouvirá de confissão.

— E Pedro?

— Confessar-se-ha de tarde, pouco antes do casamento, visto que, para evitar suspeitas, não convem chamal-o antes de sabbado. Previna-o sem demora.

— Vou já escrever-lhe.

Tulio levantou-se.

— Já vai?

-- Não apparece de tarde lá por casa? Minha mãe espera a senhora e sua inseparavel companhia. Quanto a D. Lucilla...

— Lucilla. actualmente, só vive para as suas...  
illusões. Não quer absolutamente sair.

— Apresente-lhe os meus respeitos.

Logo que o bacharel se apartou D. Emilia enca-  
minhou-se á mesa para escrever; mas nem ella  
escreveu umal inha d'esta vez, nem o doutor pôde  
ler n'este dia uma pagina, sem voltar atraz duas  
vezes, pelo menos, do seu livro de philosophia  
nova.

Havia evidentemente uma timida preocupação  
n'aquelles dois espiritos, pouco antes érmos e intei-  
ramente senhores de si. Havia tambem uma deli-  
cia vaga, subtilissima no coração de cada um  
d'aquelles seres que, pela primeira vez, se pren-  
diam no enleio do amor (?).



Chegara o suspirado sabbado.

A criada de D. Maria, a negra Rita que se adivinhava ter pernas finas pelos finos braços que tinha, amanhecera em um sarilho, em continua labutação, como se diz em linguagem de casa. Ora, até agora ainda ninguem poz em duvida a qualidade de serem boas andadeiras as pernas finas; logo, a rapariga estava no seu elemento.

Uma coisa é ver, outra é dizer. Por todas as ruas do arrabalde, por todos os pontos da estrada, ainda os mais ermos e afastados, só se encontrava perna de Rita. Rita aqui, Rita acolá, com seus usuaes torcicollos, para uma banda e para outra, serpeando como cobra de sipó. Emfim, Rita era todo o arrabalde que n'ella se observara; Rita a andeja, a tafula, a palreira Rita era a estrada inteira, sem nada lhe faltar; era até o adro da capellinha que ella fôra espanar e varrer, e

depois cobrira de folhas de canella para que a festa fosse assejada e cheirosa como eram os noivos, como deviam estar elles, e de feito se mostraram.

A casa de D. Maria espanejava-se alegre e feliz, destacando-se do grupo das outras com feições de noivado.

As moças das vizinhanças, influidas com o casamento como se tratasse d'ellas, tinham mandado balainhos cheios de flores a Lucilla, que com o presente ornara os vasos de porcelana e as mesas de D. Maria, e o piano de D. Emilia. Muitas das flores dos resedás, dos alecrins offerecidos, matizavam de varias côres o chão por onde as mãos de D. Bellinha os tinham espalhado. O suave cheiro d'estes pittorescos habitadores dos jardins, como para pagar a hospitalidade, recendia pelas salinhas e quartos modestos, dando-lhes a distincção de mansões opulentas.

Todos os moradores do circuito sabiam do que se ia dar, quando por outros incidios não fosse, ao menos pela incessante, pela perpetua presença de Rita a levar jarros, cadeiras, tapetes, cartões com luvas, velas de spermacete, e o mais que em casos semelhantes se usa. O movimento de Rita não podia deixar de dar na vista dos pacificos moradores acostumados ao socego de bemaventurança, commum aos arrabaldes.

E como estava aprazível a estrada saindo da sua paz habitual!

Nada ha que se compare com um arrabalde por occasiões festivas.

Se ainda não contasse outros attributos de superioridade sobre os centros muito populosos, contraria esta superioridade incontestavel.

A razão é porque ali a natureza está á mão, em cima, por baixo, por todos os lados. A verdura é o melhor adorno para as scenas que devem representar-se. As veredas, ordinariamente silenciosas, que cortam a espessura, povoam-se de curiosos por algumas horas. As ruas de arvores que dão entrada para os sitios solitarios, servem de bastidores ao drama, bastidores sempre novos, pintados e coloridos de fresco, bastidores que não têm iguaes nos melhores theatros do mundo; não ha scenographo que leve a melhor á natureza. Se é de tarde, ouve-se aqui o assobio, a cantiga do camponio; acolá resôa o berro monotonico do bezerinho; além retumba o balido das ovelhas; de um canto e de outro o rumor das auras nas folhagens abranda os sons mais fortes e asperos, tempera os gritos estridentes da orchestra desordenada da vida animal n'estas horas em que late o cão, canta o gallo, solta o trabalhador do campo as suas toadas com mais animação e desembaraço.

Não era porém de tarde, era de manhã.

D. Emilia encaminhou-se com a filha á capellinha onde o padre Alexandre devia ouvir de confissão a menina.

Não havia confissionario na capella — falta muito sensível, quando por outras razões não fosse, pela que deu o padre. Disse este que não lhe era licito confessar mulher senão havendo uma grade, uma cortina, emfim um objecto qualquer de permeio. Razão canonica, segundo affirmou. Impiedosos canones, que não se lembraram, que não previram — elles que tudo previram — que Lucilla havia de confessar-se n'aquella igreja pobre, rustica, sem gordo patrimonio, sem rua de casas, como as de certas confrarias, sem escravos nem engenhos, como as de certas ordens que de ricas não têm onde botem rendimentos e estão excitando a cobiça do Estado.

Mas a razão da prohibição? O halito da mulher não é epidemico, o de certas mulheres é até hygienico e tonico; alguns padres podem dar testemunho. Mas quando fosse epidemico, e os canones, prescrevendo aquella condição, quizessem preservar o padre de qualquer miasma, a prescrição nada adiantava, porque atravez de uma grade passa o halito de qualquer mulher.

Será para evitar — com o devido respeito — o

contacto? Não, de certo; porque uma cortina não impede o contacto, antes ás vezes o amacia. E depois, quantos beliscões se dão, quantas coisas se fazem com uma cortina de permeio! Sabios canones, tanto mais sabios, quanto mais incompreensíveis, prometto-vos, para ficar de uma vez por todas respeitando a vossa infusa e insondavel sapiencia, prometto-vos pedir explicações ao sr. bispo sobre este grave ponto de theologia dogmatica, penso eu.

Seja como fôr, o certo é que não havia confissionario e era preciso improvisal-o, sem o que lá se ia irremediavelmente tudo quanto Martha havia fiado. Martha n'este caso era o bacharel Tulio, mola impulsiva ou propulsora de todo aquelle movimento.

Procurou-se uma *urupema* para pendurar-se no encosto de uma cadeira, e supprir-se a anti-casamenteira lacuna; deu-se com uma lacuna mais notavel, uma lacuna que valia por dez, por vinte: nos dez ou vinte sitios dos arredores da capella não se achou uma urupema. Foi uma coisa de espantar. O pobre Alexandre arregalou os olhos, e soltou uma pilheria:

— Será crível que n'estas vinte casas já não se coma feijão de côco?

O filho de uma velha que tem por appellido

*Feijão-de-côco*, suppondo que havia allusão ferina no innocente gracejo, ficou enfiado, e tratou de retirar-se da sacristiasinha aonde fôra attraído pela chegada de D. Emilia com Lucilla.

Ao bacharel Tulio, que acompanhara mãe e filha á capella, occorreu a pyramydal idéa de collocar uma cadeira transversalmente no encosto de outro, de modo que o assento de palhinha, ficando no sentido perpendicular, fornecesse uma grade entre o confessor e a noiva. Este pensamento foi recebido com gargalhadas geraes, primeiro, porque offerecia o inconveniente ridiculo de entalar a cabeça da gentil penitente entre as pernas da cadeira; segundo, porque voltava do outro lado para o sacerdote a parte menos nobre do movel, aquella em que exactamente a gente se senta; terceiro, porque, entre as pernas da cadeira, a posição da noiva seria muito incommoda, ainda que, no parecer de alguns sujeitos pensentes, aquillo se podesse tomar por penitencia anticipada; quarto, porque o acto, que aliás pelos canones devia ser solemne, perdia toda a sua compostura e dignidade. Havia ainda muitos outros inconvenientes que eu não estou agora para incluir n'esta relação.

Todavia, houve discussão, Tulio vendo-se apanhado em flagrante ridiculo, desenvolveu toda a sua rhetorica no pensamento de convencer os

divergentes de que a idéa era magnifica. Argumento vai, argumento vem, a idéa ia amadurecendo. Então Lucilla fallou em arrancar-se antes o assento da cadeira, providencia que melhorava as suas condições, mas não as do padre. A idéa de Lucilla foi um relampago de luz, porque veio lembrar a Tulio que elle tinha em casa uma cadeira usada a que costumava cair o tampo. Estava resolvido o problema : o tampo da tal cadeira podia ser utilizado, sem dammo de outro movel, e d'esta vez sem desdouro para o padre, porque ficaria para o lado d'elle o avesso do assento. Rita já amolava as pernas para correr ou voar á casa de Tulio quando appareceu o proprietario da capellinha com a grade de um antigo confissionario desgrudado, que elle, por uma vaga reminiscencia, fôra desenterrar de um montão de caliça, por traz de uma escada de mão, que estava encostada na parede da sacristia.

Oh! preciosissimo achado, máis que precioso fossil. Ajoujou-se a peça, quasi prehistorica, ao encosto da cadeira, e começou a confissão de Lucilla.

Lucilla porém, para dizer a verdade, não tinha que confessar.

Lucilla era uma pureza, o seu amor um culto candido, o seu coração um sanctuario immacu-

lado. Os seus labios — petalas de rosa virgem, cobertas ainda de pellucia nativa, impregnadas no odor do desabrochar recente, — eram frescos como o orvalho, avelludados como a manhã.



Caía a tarde.

As gentis netinhas de D. Maria — Amelia, Laura, Theresinha e Sinhá — para dentro e para fóra, não se sentavam, não paravam, impellidas da commoção da novidade. Era o alvoroço da innocencia, a impaciencia pela felicidade da donzella que bafejavam os favonios do noivado. A meninice não é egoista; alegre-se com as alegrias alheias, e não raro chora quando vê alguém chorar.

Tambem, para dizer tudo, não eram sómente as crianças que se mostravam n'aquelle reboiço que contrastava com o socego costumeiro da casa de D. Maria. Esta e sua filha, D. Emilia e Lucilla, todos de casa estavam dominados da agitação que parecia provir da temperatura, do ar ambiente. Uma d'ellas enfiava uma saia, outra passava apressadamente o ferro no lenço; esta pregava as ul-

timas tranças verdes no corpete de lã branca ; a mesma noiva, com a mãosinha afilada, que tinha o tacto do bello e do bom gosto, a mesma noiva, pichosa, como se diz, para cortar, coser, apanhar com graciosa phantasia folhos de vestido e encher grades de labyrintho, punha o remate no vestido nupcial.

Que coisa bonita ! Que poesia insigne !

Era ella em pessoa, ella e não outra que collocava os festões de flores artificiaes nas orlas da seda lavrada, com perfeição de encantar. Já fôra ella que cosera e afeitára o véo, symbolo da sua candura. Como isto é sublime !

Assim é que deviam proceder todas as moças. Com suas proprias mãos deviam ellas preparar o seu véo e vestido branco como fez Lucilla. Se ainda se admitte o véo como symbolo da pureza, leve-se o symbolo a mais longe : não se admitta que elle passe por mãos estranhas, talvez impuras, que o possam conspurcar. Dê-se todo o elasticol possivel á poesia do noivado.

Mas as noivas ricas, as noivas fidalgas, as filhas dos commendadores apatacados, dos barões e viscondes que dão dinheiro a juro, dos doutores entusiasmados e presumidos, estas noivas, comquanto muito dignas, não comprehendem a magestade modesta, a satisfação casta, que enchia

a alma de Lucilla sempre que ella tocava no seu véo, no seu vestido branco. As noivas que têm fumaças de ricas e aristocraticas, incumbem as modistas de fazer tão veneraveis prendas; isto constitue elegancia e superioridade. Não é tudo : ainda bem não se contratam em casamento, já os presumçozos paes fazem as encommendas para Paris, d'onde ha de vir, pelo gosto das modistas de lá, o que se devia inspirar no gosto e singeleza da noiva de cá da terra, conforme a sua educação e as suas opiniões domesticas. Perdoem a minha ousadia as illustres noivas ricas e fidalgas! Mas o seu vestido e o seu véo não valem, quanto a mim, aquelle véo e aquelle vestido de Lucilla. Quando elles chegam ao vosso corpo e á vossa fronte, respeitabilissimas deidades, já vem desprimorados pelos toques de mãos de modistas, de mãos profanas como são as taes de modistas. Sacrificaes á vaidade natural ou transmittida o primeiro trabalho do vosso novo estado, inicio das vossas obrigações conjugaes, aquelle trabalho que a ninguem devieis commetter. Mas qual! Vestido e véo que não vêm d'alli, que não passaram por aquellas mãos, são coisas toscas e reles, coisas do vulgo sem gosto, da plebe chata. Mas a culpa não é vossa, sim dos frivolos que vos mettem semelhantes coisas na cabeça. Passemos adiante.

A festa era o ponto unico para onde convergiam todas as actividades da familia. Rita, não se falla, era a mola, o nervo principal do movimento.

Ora, isto é o que se passava na rua. Vejamos o que ia na capellinha.

Poderiam ser quatro horas. Pedro chegou do engenho donde saíra furtivamente afim de vir confessar-se, e em seguida casar-se, para o que o padre Alexandre ficara de achar-se alli ás seis horas, isto é, uma hora antes do casamento, pois considerava bastante uma hora para passarem os peccados de Pedro, medindo-o pelos demais rapazes de agora; enganou-se, como se enganara a respeito de Lucilla.

Ora, tendo Pedro chegado ás quatro horas, esperou até ás cinco e meia na capellinha, e nada de padre. Hora e meia para um noivo n'aquellas condições equivale a um seculo; Pedro curtiu este seculo com resignação admiravel; mas faltando-lhe forças para entrar em novo seculo, encaminhou-se á casa do bacharel.

— Venho pedir-lhe que me diga alguma coisa a respeito do padre Alexandre. Estou velho de esperar por elle na capella.

— O padre Alexandre ficou certo de ir. Ainda lá não está?

— Nem fumaça de padre Alexandre.

— Ter-se-ha occultado?

— Nem me diga isto, doutor.

— Homem, se o subdelegado sonhou que o casamento estava n'este pé, é capaz de tanger os pausinhos de modo que não tenhamos casamento. Com subdelegado não se brinca. Desculpe-me. Não me lembrava que elle é seu pae.

O noivo caiu das nuvens.

— Não se aterre —acudiu o bacharel, notando que o rapaz, de assustado, estava a dois dedos de desmaiar ou desfallecer. Volte á capella, enquanto eu corro á casa do padre, para deslindar este negocio, para saber que fim levou elle.

Pedro, em lugar de voltar, foi ter com Lucilla. O rapaz, com effeito, precisava de forças que sómente a menina sensata e crênte lhe poderia fornecer em olhares meigos, sorrisos joviaes, e palavras repassadas de confiança no seu futuro de ambos, elixir que elle não encontraria nas pharmacias.

Quando Pedro entrava em casa de D. Maria o padre chegava á capella, e nada de noivo.

Passou-se outra meia hora, que voou como um relampago para os nubentes em deleitoso colloquio, respirando um do outro aromas e satisfações incomparaveis.

Ha quem diga que Pedro chegou a pregar um festão no vestido d'aquella que em pouco tempo devia ser sua esposa.

Eu não posso portar por fé este ponto; limito-me a dizer que se n'isto não ha pura invenção, novo realce veio dar á singeleza do quadro, já tão suavemente illuminado d'estes singulares amores.

Comprehendendo que a demora de Pedro ao pé de Lucilla podia dar origem a grande inconveniente — o de não se realizar o casamento —, D. Emilia fez-lhe ver que era preciso procurar o confessor.

Era tempo. O padre, *fumando* de raiva com a espera do tardio penitente, passeava em silencio, fazendo movimentos nervosos no estreito adro da capellinha como quem queria arrebentar.

Este padre tinha genio forte, e com elle não faziam cinco montes.

Por um triz não disparatou.



Às seis horas o pateo da casa de D. Maria, coberto de grama, bem limpo, bem sacudido, começava a cobrir-se também de curiosos, atraídos pelo odor da novidade.

Toda a rua parecia sorrir-se. Mulheres e crianças, encostadas às janellas, devassavam com olhares indagadores o que se passava dentro da sala, e faziam commentarios de todo peso e medida, terminando-os muitas vezes com risadinhas tafulas. No céu nuvemzinhas diaphanas se agrupavam ao redor da lua que tinha na face a brancura lactea do crescente e não o avermelhado com que sae do mar quando é cheia. Nos portões dos sitios que com as casinhas terreas formam a rua, deixavam-se ver mocinhas delgadas e matronas gordas, aquellas espartilhadas e mettidas em vestidos bem conchegados, bem justos, estas em roupões folgados e frescos, aquellas atravessadas de fitas e rendas, estas traçadas em chales casei-

ros, mas tanto estas como aquellas com os olhos voltados na direcção do ponto que attraía a universal attenção.

Em pouco um vulto appareceu no principio da rua, voltou a esquina, e entrou na casa de D. Maria. Era o bacharel, todo encasacado e enluvado, recendendo a oriza e baunilha. A casaca era a que servira na sua formatura; as luvas tinham sido calçadas pela primeira vez por occasião de uma festa de annos, em casa do chefe do partido que estava de baixo. Quanto á oriza e á baunilha, estas foram compradas expressamente para o casamento de Lucilla.

D. Emilia, sentada no sophá ao pé do piano, junto da janella, tinha no rosto enternecimento e satisfação que ganhavam nova intensidade á luz dos candelabros, já então accesos. A flôr parecia estar no primeiro, no mais fresco periodo da sua energica vegetação.

Trajava vestido de escumilha azul còr de céo, apanhado de arregaços das cavas para as hombreiras, com tranças e brilhantinas. Afigurava-se o casulo resplandecente, donde rebentara a nympha d'aquelle lepidotéro crepuscular. O talhe, cortado a virgem, deixava ver livremente a abundante perfeição do collo de alabastro que arfava e refulgia.

Dando com as vistas n'aquella frescura, n'aquella galhardia, n'aquelle brilho inesperado, o bacharel teve um deslumbramento que não pôde vencer. Por instantes ficou em contemplação diante da flôr, ou do astro, ou mais verdadeiramente da carne. Este estado por felicidade passou logo. Uma vez livre d'elle, o bacharel encaminhou-se á mãe da noiva. Entregou-lhe ella a mão alva, gordinha, pequenina cujo contacto produziu em Tulio um estremeamento suspeito.

— Para que calcei eu tão cedo as luvas? disse consigo. Malditas luvas! Impediram-me de sentir o aveludado da mãosinha d'ella em primeira mão.

Não se podendo ter, tamanho fôra o effeito da visão encantadora, dirigiu-lhe um cumprimento faceiro, ao mesmo tempo amabilidade e revelação, a que D. Emilia correspondeu estremeendo e sorrindo.

A este tempo chegaram os padrinhos — os srs. Justiniano Silvia e Felisberto Cunha com as respectivas mulheres. Passado um instante chegaram tambem Balthazar das Neves e a mulher, que passa por um *peixão*.

Justiniano era um distincto empregado da alfandega, e Felisberto guarda-livros de uma casa ingleza onde muito o consideravam por ser ver-

dadeiro, trabalhador e de mãos limpas; o primeiro tinha o rosto bonito de mais para homem, fôrmas fornidas e já um tanto maduras; o outro, franzino de compleição, era de trato muito agradável, e algumas vezes não deixava de ter seu espirito que elle sempre usava com ares tímidos, e palavras proferidas a meia voz para não serem ouvidas senão pelos mais intimos.

A mulher de Justiniano era uma belleza. Em Pariz chamar-lhe-iam *ravissante*; no Recife passa simplesmente por bonita; mas, na realidade, ella preenche as condições de delicadeza e perfeição que uma mulher deve trazer nas suas fôrmas; porque... ou bem que somos, ou bem que não somos: mulher que não é bonita devia ter nascido homem, não podia ser mulher.

Isto não se entende com a de que estou tratando. Esta pôde servir de modelo pelo que toca ao corpo, á cor, á gentileza, ao modo de olhar, de fallar, de andar, de andar principalmente, que é coisa de muita ponderação numa mulher de sociedade, e mesmo na que é do mato; porque o andar dá idéa do equilibrio da alma, ou antes da boa conformação dos ossos, dos nervos, das carnes, que tudo isto deve ser bem constituido e estar em justa harmonia para gerar a elegancia, a distincção, o lustre, as attitudes esbeltas, principalmente

na mulher, que deve ser sempre esbelta desde o levantar-se até o deitar-se..

A mulher de Felisberto, alta, espigada, caracterisava-se pela *sympathia* que inspiram, e pela bondade que possuem umas feições insinuativas sem descaírem da natural gravidade, uns *typos* a que não falta nenhuma das prendas da dignidade, *typos* completos que se sacrificam por uma dedicação, fadados para o heroismo. Quer uma, quer outra, dedicavam sincera amizade a D. Emilia.

Pelo que toca á mulher de Balthazar, era uma mocetona de encher a vista, morena, pescoço que parecia ter ido ao torno, olhos grandes posto que um pouco tardos nos movimentos, sorrisos um tanto hypocritas, palavras que se poderiam contar. Se em toda a festa disse meia duzia d'ellas, fallou pelos cotovellos. O todo é uma especie d'essas mulheres que entendem que estando bem vestidas, bem promptas para o que der e vier, atiradas em uma cadeira, ou reclinadas na almofada de um sofá, na inercia de bonecão de gesso, nada mais lhes resta que fazer, têm cumprido a sua obrigação. Quanto a Balthazar, era um empanturrado, um feioso que não sei como achou mulher que o quizesse para marido.

Não se fez esperar a ideal Lucilla, seguida da

modesta e tímida Bellinha. D. Maria chegou por ultimo.

Comprimentos, beijos, abraços, risadinhas, tudo isto emmoldurado em vaidade inoffensiva. Formou por alguns instantes um grupo suave esta meia duzia de moças risonhas, alegres, que, parecendo incapazes de offender um pinto, poderiam só ellas dar com o mundo em pãntanas, pelas suas diabruras.

Justiniano estava de veia n'esta noite ; e além de padrinho, o que lhe dava certa autoridade, era antigo amigo da familia ; tinha visto D. Emilia casar-se, e quasi Lucilla nascer.

Logo ao entrar, foi soltando quatro ou cinco chufas ao bacharel com quem de ha muito se dava e que sempre mettia á bulha. Com as suas graças fez rir a todos.

Tulio não se deu por achado com os gracejos de Justiniano ; estava callejado. E talvez para excital-o encaminhou-se a Lucilla a quem offereceu doces, sabendo que, toda entregue aos preparativos, não tinha jantado.

Tanto que Justiniano pescou esta revelação, imitando Tulio, approximou-se da noiva para dizer-lhe com ares brejeiros :

— Pois logo hoje é que você não jantou, Lucilla ? Não sabe em que vai metter-se. A vida agora

é outra. Você vai atravessar o Atlantico debaixo de tempestade. Navio que pela primeira vez cae no mar deve ter o cavername muito seguro para poder resistir ao embate das ondas bulicoças do furibundo Neptuno, que com seu tridente erguido ameaça revolver todas as grutas, e não deixar em paz as nymphas. Você sorri porque não entende esta linguagem da mythologia.

Os moços soltaram gostosas rizadas sem darem fé da indiscrição, que não fez córar Lucilla, porque Lucilla não alcançava as segundas tenções, e não via nos que estavam alli senão pessoas que lhe consagravam affectuosa estima.

Mas — pergunto eu — por que razão se ha de sempre encontrar um brejeiro ao pé de um noivo, e esta brejeirice não acaba nunca?

Cumpre todavia notar, que todos se achavam alli em muita intimidade, porque se conheciam e estimavam todos; não havia a menor cerimonia, desde que a roda era de familia, bem diversa das aristocraticas em que a etiqueta obriga á distancia de individuo a individuo, o que ás vezes dá á sociedade um aspecto quasi bisonho, e se não bisonho, taciturno, que não raro cae na semsaboria que não fica longe do enjôo. O que alli se sentia era satisfação, era alegres momentos, uma convivencia agradável de que todos participavam.

As meninas corriam, saltavam, gritavam ; eram os angelicos trasgos d'aquelle formoso gyneceu ; e enquanto ellas punham a casa em revolução, as senhoras entregavam-se á pratica da amizade respeitosa.

— Sabe que mais, Balthazar? perguntou Justiniano ao marido da silenciosa mocetona. Tu te devias chamar Panteleão ou Zebedeu.

— Por que motivo? tornou-lhe Balthazar.

— Porque és muito grande e muito feio.

Gargalhaha no circulo dos homens.

— E dirá se não tenho razão — continuou elle — o dr. Tulio, que estudou astronomia.

Novos applausos.

— Estudei melhor a zoologia, e posso fazer a classificação do fossil — respondeu Tulio.

Repetiu-se a gargalhada.

Mas de repente voltam-se para o essencial : Pedro tardava. Depois da confissão tinha ido ao Recife a buscar uma carruagem para o levar á igreja ; mas nada de chegar.

Qualquer luzinha que apontava no horizonte ao longe, dizia-se que era Pedro com a carruagem, ou antes a carruagem com Pedro.

Méro engano. Uma vez era uma carroça carregada de capim. D'isto tirou Justiniano motivo para novo rasgo de espirito, que não me animo a

reproduzir n'esta narrativa porque desejo que ella passe á posteridade leve, fluida, sem ter pesado um momento no cerebro do leitor.

N'estas intermittencias e alternativas, ora gra-  
cejos, ora silencio profundo, passou-se bem uma  
hora. Começavam já a inquietar-se os padrinhos,  
que o caso não era para menos. Justiniano para  
bulir com Lucilla, dizia que Pedro tinha sido  
agarrado, e áquella hora já estava num vaso de  
guerra, de caminho para o Rio Grande do Norte  
onde devia ficar degradado. Felizmente palavras  
não eram ditas, quando appareceram indicios de  
estar salva a situação. Um carro parou á porta, e  
de dentro saltou Pedro.

Apenas Pedro entrou, chegou um portador com  
recado do padre Alexandre. Mandava este dizer  
que estava cansado de esperar. O portador comple-  
tou a noticia, ajuntando que o padre estava furioso.

Emfim levantaram-se todos.

Na primeira carruagem entrou Lucilla. Justi-  
niano, a mulher, e o dr. Tulio. Na segunda entrou  
D. Emilia, Felisberto, a mulher, e a menina Beili-  
nha, cuja modestia e belleza harmonisavam-se  
perfeitamente com a brancura do vestido adornado  
de enfeites azues. Na ultima carruagem entrou  
Pedro, com o Balthazar e a mulher. Viagem de  
meia cara, já se vê.

A meninada, reunida á porta da casa, deu uns vivas aos noivos no tom patusco do costume; e um taberneiro de junto, de cima dos seus tamanhos atroadores, dirigiu uma graça, pesada como lhe estava pesada a cabeça, a Rita que n'este momento passara ás carreiras para a capellinha, levando uma roda de cravos na mão.

A rua recaiu no seu socego de sempre, enquanto não voltavam os noivos.



A capella de Nossa Senhora da Conceição está á beira da estrada com o rosto voltado para o nascente. O muro do sitio a que ella pertence, e em que está vinculada como encargo de um antigo patrimonio, vem vindo de norte a sul, e de repente soffre uma solução de continuidade. Esta solução abre espaço ao pequeno pateo, que fica para dentro da parede mural cerca de uns vinte passos e em cujo vão se levanta a solitaria ermida.

Por detraz erguem-se coqueiros e mangueiras, cujas sombras alcançam a capellinha quando o sol declina para oeste. Frescas tardes e risonhas manhãs passam por sobre este pittoresco retiro como afagos de primavera.

A nave estava cheia de curiosos, jovens e matronas, dos sitios adjacentes a quem a solemnidade arrancara á usual indolencia domestica. Folhas de canella, jasmims, resedás, madresilvas e alecrins tapetavam o pavimento.

Houve ainda uma pequena demora enquanto Pedro tomava as roupas de noivado, no sitio contiguo, onde reside uma illustre irmã de D. Emilia, a qual se achava com o marido na igreja.

Os homens entraram para a estreita sacristia.

O padre Alexandre, paramentado, conversava com o Tulio.

— O senhor ha de desculpar a demora, disse este. É devida ao rapaz que andou dando, á ultima hora, umas voltas no Recife.

— Estou aqui desde as seis. O seu noivo...

— Advirto que eu não sou a nubente. D'esta é que elle é.

— Para mim elle é o do senhor — tornou o padre. Mas imagine lá o que havia de dizer-me, assim que entrou aqui, sem ter attenção nos estranhos que estavam commigo.

— Alguma puerilidade?

— Uma grande inconveniencia. Vae ver. Foi entrando e dizendo em voz alta : « Sr. padre, eu só sei o *Peccador*, o *Padre Nosso* e o *Acto de Contricção*. Peço-lhe que não me pergunte outras orações, que eu não posso responder. »

— Tem graça — disse Tulio sorrindo-se.

— Que bom noivo ! — continuou o padre,

— D'este calibre são quasi todos.

— Estas mesmas orações creio eu que elle as

decorou agora expressamente para confessar-se : Os rapazes d'este tempo concertam relógio, mas não sabem dizer quem é Deus.

— Desejo que o senhor faça a cerimonia dos anneis — disse Tulio, desviando o padre d'aquelle thema escabroso.

— Já não se usa.

— Quem lhe disse? Usa-se.

— Que está dizendo? Se eu moro por traz do céo... Por isto vem e vão os usos e as modas sem que eu saiba quando vieram ou quando foram. Mas não ha duvida. Benzo os anneis e tudo ha de ser como quer a sra. D. Emilia. Não foi ella quem se lembrou d'esta novidade? Tem lembranças aquella D. Emilia.

O padre sorriu-se.

— Que tal achou a licença do vigario? — perguntou Tulio?

— Está em fôrma. Logo abaixo hei de lavrar o termo do casamento, que os padrinhos assignarão agora mesmo.

— Agora? — perguntou Justiniano.

— Já. Tudo fica prompto hoje, não quero duvidas. Preto no branco. Mando logo a papelada ao vigario para elle fazer o lançamento no livro competente. Por quem espero?

O padre, homem seguro, parecendo, não sem

razão, receiar-se de qualquer vingança do subdelegado, não queria deixar uma pontinha por onde pudesse ser filado.

— Tanto melhor. Vamos logo com isto — disse Justiniano soprando de calor..

N'isto chega o noivo, o que se deu logo a conhecer pelo alvoroço das mulheres no corpo da igreja.

Emfim, um quarto de hora depois, Pedro e Lucilla estavam casados..

Apenas concluída a cerimonia, procedeu-se á partilha dos cravos.

Cada moça solteira queria um do noivo, cada rapaz um da noiva. Até Rita exigia o seu, allegando razões plausiveis que foram attendidas, porque se não fôra Rita, a festa não tivera tanta animação e brilhantismo. Rita podia dizer o que dizia aquelle mascate da primorosa *Festa de Baldo*, aquelle Guimarães, pae de D. Clara, quando encontrava a gente de Goyanna trajando da chita espantada, da cassa, do filó, ou da sêda verde que elle vendera :

« Metade, ao menos, do esplendor me devem. »

Não é pois de admirar que, quando não chegaram todos os cravos para um terço dos que queriam, saisse Rita, muito ancha, com o seu,

mettendo inveja a muita rapariguinha nova que rescendia a banha de jasmim e esperava tirar a *sorte grande* pelo Natal, por obra e graça de um cravo do noivo.

Seguiram-se as congratulações e os abraços de ternura.

D. Emilia estava radiante de satisfação.

— Sua menina tirou o maior premio — disse-lhe uma senhora baixa e cabelluda, com quem a mãe de Lucilla talvez nunca tivesse trocado uma palavra.

D. Emilia respondeu simplesmente :

— Quem o tirou fui eu.

Pedro e Lucilla sorriam como duas crianças que esperavam que a festa havia de ser boa porque lh'ò diziam, e não porque o soubessem.

Deliciosa imprevidencia ! Grata e fulgurante illusão do olhar sereno da mocidade — da mocidade innocente e ainda em ser, não da mocidade gasta, mais velha que a propria velhice ; da mocidade virgem que só alcança nos horizontes risos e formosuras !

Mas quanto não se enganava esta mocidade ignorante e esplendida ! Quanto não são ephemer-  
ras as rozas e o azul dos seus horizontes limpidos !

Todos aquelles brilhos são brilhos fatuos, crianças. A vida não passa de uma chimera, ainda

quando sorri como nas festas nupciaes. Faço votos para que esta formosa fantasmagoria não se desvança nunca para vós que tanto vos amais.

Mas não annuviemos a limpidez do céu diaphano com a sombria nuvem de uma reflexão philosophica.

— O sr. Justiniano é casado? perguntou o padre Alexandre lavando o termo em seguida á licença do vigario, como dissera havia pouco.

— Sim, senhor, A sorte teve esta barbaridade para mim — « a sorte implacavel » como se dizia nas tragedias.

-- Como são as coisas! advertiu o padre. O senhor atira pedras á sorte. Agora aquelles dois a quem acabo de unir, estes atiram-lhe flores.

— As coisas são assim mesmo, sr. reverendo. É preciso entrar n'ellas para saber o que ellas têm por dentro.

— E o sr. Felisberto tambem é casado?

— Todos aqui são casados; até mesmo este *capão de quenga* que aqui está.

Era Balthazar.



O arrabalde voltara á sua habitual placidez. A festa fôra como um sonho deleitoso, que viera abrir, por instantes, um parenthesis na monotona indolencia do retiro, fôra como uma nota ruidosa e alegre que quebrara aquella harmonia morna e meridional, depressa restabelecida.

Nos fins da estrada, ha pouco revolvida por importunos visitantes, está agora a ermida serena e muda como a flor do ermo. Nem o mais leve rumor interrompe a paz do sanctuario. Passou o mundo indiscreto, indagador, mexeriqueiro, maligno, e ficou a inoffensiva, a hospitaleira e maternal natureza. Só o luar bellissimo, só as auras, só as sombras, só o arvoredado fazem companhia á Conceiçãozinha na benigna solidão.

O movimento de ha pouco já ia longe, ia no caminho do engenho de Luiz Corrêa. Não sei se o leitor ainda se lembra que este Luiz Corrêa é o

subdelegado de que tenho tratato atraz, o pae de Pedro.

Este e a joven consorte, na sua amorosa humildade, na sua obediencia filial queriam receber a benção paterna, esta benção que importaria para elles o perdão. Eis porque, deixando D. Emília em casa de D. Maria, corriam sem perda de tempo, como quem ia tirar o pae da forca. Parece que elles é que eram verdadeiramente os enforcados.

Eu não quero penetrar no cerebro dos dois jovens esposos para devassar a nuvem de tristeza que ahi, entre vistosos castellos de illusões, fazia um funesto matiz. O leitor que imagine o contraste, collocando-se nas condições d'aquelles innocentes, que mal ajudados, tinham podido vencer sem páo nem pedra a resistencia do pae caprichoso, temido em todos aquelles arredores, e agora, caíndo em si, corriam pressurosos a confessar-se constrictos e arrependidos.

Mas, coitadinhos! foram mal succedidos. Luiz Corrêa recusou-se a recebê-los. Nem sequer appareceu aos padrinhos, pessoas acima de toda excepção, e um d'elles amigo seu. Houve quebra de amizade. O homem, que pouco antes soubera do que tinda occorrido, estava furioso.

Eu não gosto de pôr os podres de ninguem na rua, e por isso, boca calada. Mas sempre direi que

dia virá em que Luiz Corrêa, pensando melhor nas coisas d'esta vida, ficará envergonhado do seu procedimento, porque elle não era para fazer isto. Creio piamente que elle ainda se ha de arrepender mais do que fez do que estavam arrependidos os dois meninos que não tinham culpa de querer ser felizes. Creio piamente no arrependimento de Corrêa, porque, de parte certas fraquezas, umas das quaes são e hão de ser o eterno patrimonio de todo homem, e outras presente de preconceitos que atacam alguns, Corrêa tem muitas qualidades boas.

Provendo que as coisas haviam de dar n'isto, porque elles bem sabiam com quem estavam mettidos, os meninos tinham de antemão conseguido de uma obsequiosa senhora que morava nas immediações do engenho, uma accommodação em casa d'ella, emquanto não se desfazia o temporal. Foram ahi recebidos com os braços abertos, sem estrondo, porque a casa é pobre, mas com a melhor vontade, digna da maior gratidão.

Ista accrescentou uma face romanesca á aventura dos jovens esposos; deu mais vida e poesia ao crystallino drama dos seus amores.

Estão alli installados (e como agora se diz) como um casal inglez... inglez, não, hespanhol ou napolitano, passando a sua lua de mel com

uns resaios de fel remoto, não obstante estar bem perto.

Quando Luiz Corrèa passa de carruagem pela frente da casa, com a cara fechada, carrancudo, Pedro, se está na janella, corre a occultar-se; Lucilla, porém, esta em vez de imitar o marido n'isto, quando em tantas outras coisas o copia, chega bem para diante, afim de ser vista, e lança ao senhor de engenho uns olhares longos, supplices, quasi chorosos, até que elle desapareça atravez do cercado.

Depois volta-se para o marido, que já está junto d'ella, e diz-lhe com um tom de magoa, que é um mixto de ternura e exprobração :

— Nem olhou para mim !

.....

Amanhã, 5 de dezembro de 1868, faz oito dias que os nossos jovens se casaram.

Luiz Corrèa persevera ressentido. E' cabeçudo. Não cede por duas razões ; são precisas pelo menos tres.

Mas por que motivo tanto ressentimento? Lucilla é a virtude em carne e osso. Poucas moças tenho conhecido tão dignas de ser estimadas e admiradas.

Resentido de que, o sr. Corrèa? Muito mais digno fôra que elle chamasse o filho e a nora para

sua companhia, e fosse pae de ambos como é pae de um d'elles.

As vaidades d'este mundo acabam todas, por maior que tenha sido o lustre na vida, acabam todas no chão da cova; só o que fica do homem é a memoria das suas acções; e uma vez que estas podem ser claras ou negras, cumpre que só as tenha bem claras o que quer poupar aos seus no futuro qualquer fumo de dezar que possa sombrear o seu nome, e envergonhar a familia.

Pensa tambem assim o Tulio, que é ledor da biblia e dos philosophos da idade média.

E não somos nós sómente que pensamos assim; pensam muitos. Por exemplo: o Justiniano e a sua galante mulher; o Felisberto e a d'elle, que, se não tem o merecimento de ser galante como a de Justiniano, é muito ajuizada, e so anda pelo bom caminho; D. Emilia e D. Maria, posto que suspeitas n'esta causa, que ainda vem a ser d'ellas. Só o Balthazar, este não; este tem outro parecer; aprendeu por outra cartilha. Ouvi mesmo dizer algures que elle não cessa de dar razão a Luiz Corrêa, naturalmente para o incensar. Que lhe faça bom proveito.

Mas eu ia esquecendo uma circumstancia importante que não deve ficar fóra d'esta memoria.

Meia hora depois do casamento, quando a es-

trada já tinha recaído na sua modorra, o nosso Tulio abriu a porta do oitão do sitio d'elle que dá para o septentrião.

A natureza sorria adormecida.

Uma brisa impregnada de aromas de mangeronna, alecrim, flor de cajueiro, afagou as narinas do philosopho.

Mas d'esta vez o Tulio não era philopho, era poeta : estava attento, ouvindo, menos com os ouvidos que com o coração, as ultimas notas de uma serenata que cantava ao piano a mãe de Lucilla.

O coração estava attento na musica, mas o pensamento de Tulio, este não podia estar mais cheio da imagem de D. Emilia.



Ultima hora.

O diabo não é tão feio como o pintam.

Hoje é 4 de dezembro. Lucilla escreveu a D. Emilia, participando-lhe importantes novidades.

Baixou o barometro do mau humor de Luiz Corrêa.

— Ainda bem ! — diria com seu sorriso no canto da boca o Justiniano, sempre fleugmatico como um inglez, cujos habitos elle procura arremedar, tanto assim que já depois de quarenta annos chamou mestre para lhe ensinar a fallar a lingua de Shakspeare.

Suppõe Lucilla que em pouco tempo estará feita a reconciliação entre o pae e o filho, que é presentemente o que os recém-casados mais anhelam para que a sua lua de mel se prolongue, ou por outra, para que a sua lua de mel seja verdadeiramente o que o nome diz ; porque até

agora tem tido seu travosinho o copo do leite.

Eu bem dizia há pouco. O Corrèa não é mau sujeito. Depois de meditar, mudou de rumo para não naufragar.

A menina tem na carta filiaes expansões.

A carta é longa. Poder-se-hia comparar a um testamento se não estivesse tão longe de se parecer com este documento de ultimas disposições um escripto que é, ao contrario, o documento das primeiras disposições de Lucilla, que é quasi o programma do seu novo estado, que é, por assim dizer, o portico do esplendido paço da sua nova existencia.

Eu não devo revelar, posto que não me faltem bons desejos, as aereas simplicidades, as sonoras singelezas, os esboços azues que, comquanto passando pela vida intima da familia, formam o gracioso contexto da missiva de Lucilla.

Tive a carta nas minhas mãos. Li-a com interesse, e admirei-a como modelo epistolar; mas ser-me-ha licito trasladal-a aqui *verbo ad verbum*? Fique o leitor com agua na boca, que eu tambem fico.

Todavia, darei por alto uma idéa muito descolorida d'esta pagina em que derramou parte da sua indole a poetica menina.

Diz ella que, logo que o seu maridinho se possa

arranjar, hão de vir morar junto de D. Emilia, a qual por ora continúa a residir em casa da sua cunhada D. Maria.

Diz que elle e ella são tratados á vela de libra na casa onde estão; que D. Emilia mande as costuras e os vestidos que ficaram cá; mais isto, mais aquillo.

Lucilla lembrou-se de tudo, menos do saguí que não devia levar na occasião de retirar-se, mas de que não se devia esquecer, porque o tal animalzinho lhe foi dado por Pedro quando ainda não passavam de ingenuos namorados.

Acho esta omissão inexplicavel; mas vejo n'ella uma conveniencia. O que se havia de responder a Lucilla, si o saguí falleceu dias depois, de saudades segundo dizem em casa de D. Maria, mas de esquecimento e fome, segundo penso e creio eu?

A carta conclue com estas palavras :

— « Eu e Pedro, mamã, não temos mais para onde estarmos satisfeitos. »

Podera não ! Casados de novo.

Paire sobre elles o espirito de Deus, como pairava outr'ora sobre as aguas.

Estylo antigo, mas de casa.

Sou forçado a fazer este *post scriptum* — ultima pagina. Estancia negra de um resplandecente poema.

Estamos em 5 de agosto de 1869. De 4 de dezembro do anno passado até hoje deram-se notaveis occurrencias que têm relação intima com a presente historia.

No dia 24 de maio falleceu de uma hepatite aguda D. Emilia, em casa de D. Maria.

Foi um acontecimento que enlutou a estrada que ella amava tanto e onde deixou memoria muito bemquista.

Imagine o leitor o reverso da festa por occasião do casamento — em lugar de universal expansão, universal recolhimento; magoa onde outr'ora alegria; familias concorrendo pezarosas á capellinha, aonde alguns mezes antes tinham feito uma romaria de prazer; Rita — eu não posso esquecer-me de Rita, importante personagem da minha narrativa — Rita commovida, levando para a igreja, em vez de festivos cravos, funebres perpetuas, em vez de colchas escarlates e azues, crepes negros, Rita com tardos passos, quando os tivera tão velozes e quasi aereos; imagine tudo isto o leitor, e terá um pallido aspecto da estrada, da Conceiçãozinha, das familias, de Rita no dia do lastimavel fallecimento.

Volvamos a folha.

Lucilla e Pedro moram já em casa do Corrêa, que se abrandou como cêra, especialmente depois

de saber da morte da mãe de sua nora.

Tulio tem sido victima de grandes injustiças e ingratições.

Ha uns typos assim, que sempre encontram fel no fundo do copo onde elles mesmos puzeram licor excellente.

Não se mettem ainda muitos dias que elle me disse, em tom de queixa :

— Quanto mais faço, menos mereço. Perfidias e aleivosias — eis com que me retribuem serviços que, se fossem pezados na balança da justiça, deveriam ter outro valor... Mas este é o lado característico da sociedade — prodiga no pedir, vilã no pagar.

Encontrei-o dias depois em casa de um cunhado de D. Emilia.

Entrando, reconheci o piano que fôra d'ella.

Tulio estava tocando umas musicas ligeiras que a mãe de Lucilla lhe ensinara.

Interrompeu-se logo que me viu entrar.

E porque a conversa tomou por assumpto aquella a quem o piano pertencera, o bacharel, dentro em pouco exaltando-se, depois de profunda commoção, proferiu estas palavras :

— Não foi sómente ella que morreu, morreu tambem o seu instrumento predilecto, fonte das suas delicias, arma dos seus triumphos, encanto

com que fascinava os seus admiradores que eram todos os que a ouviam tocar estas teclas. Que valor tem hoje elle? Um valor diminuto. Outr'ora, junto áquella que o educara e de cujo talento musical era elle como uma continuação viva e gloriosa, este piano tinha um preço incalculavel. Hoje não é mais que uma esplendida clausura de brilhantes acordes adormecidos. Que vales tu por ti só, harpa sem David, lyra sem Orpheu? Se és mais que um aparelho inerte, se tens uma alma, repete, sim, repete as vozes, os sons, as serenatas deliciosas, as operas admiraveis que outr'ora, obedecendo ás mãos inspiradas da tua senhora, entoavas como um cantor insigne. És uma machina trivial, secundaria nas minhas mãos. Falta-te a scintilla electrica do genio que vivificava aquella formosura a quem tanto deves, aquelle esplendor que desapareceu rapidamente, como um relampago que se extingue. Estolido avarento, deixas-te consumir com os teus thesouros encerrados em teu seio, por não saberes ou não poderes pôl-os em gyro. E tão desgraçado és que nem, ao menos, te é dado chorar, como eu choro, a ausencia da creatura excelsa que deixou signaes dos seus dedos de artista em tuas teclas frias, estas teclas que não souberam estalar quando ella caíu como ave canora, fulminada pelo raio.

Mas o piano indifferente a esta magoa e a esta saudade, sem entender a linguagem d'aquella exaltação abrupta, continuou mudo e immovel como um tumulo.

Tumulo era elle, tumulo de harmonias mortas, tumulo de um amor, talvez!

APPENDICE

*[Faint handwritten text]*

Et  
pensat  
Al  
trou  
Aca  
tendo  
e vo  
viera  
Si e  
se enc  
por  
presu  
enche  
men  
Eu  
este



*Dearest Franklin Tavora.*

E' tarde. A noite já vai além do meio, e eu velo pensando no senhor.

Admira-se? E' porque não sabe o motivo que trouxe-me ao pensamento a sua pessoa.

Acabo de reler seu *Casamento no arrabalde* e tendo vontade de conversar comsigo, tomei a penna e vou ver se deixo no papel quantas idéas me advierem.

Si-estivessemos ao alcance da voz eu discutiria se encontrasse opposição, como é provavel; ausente, porém, procurarei ir adiante das objecções que presumo me seriam oppostas; por isso creio que encherei as duas folhas de papel aqui deitadas ao meu dispor.

Eu estava aborrecido e sem somno, tentei vencer este estado morbido pelo trabalho. O philosopho

da *Hygiene d'alma*, se nada alcançou ensinar-me, ao menos o fez quando o máo humor sobrevem.

Tentei ler, tentei estudar e o espirito reagiu. Não se fixava em coisa alguma. Nem Buckley, nem Thierry, nem Littré, nem Broca, nem Topinard, nem Proudhon, — nenhum d'estes que têm o privilegio de me prender a attenção, o conseguiram agora.

Abria um depois do outro e assim gastei muitos minutos. Ia desanimado atirar-me á cama para calcular indefinidamente as taboas do tecto, quando reparo para o *Gubernatis*, tomo-o, leio algumas paginas e o meu pensamento encontrou uma direcção.

A interpretação geral dos mythos, a identificação que elle consegue estabelecer, por exemplo, entre a *Gata borralheira*, conhecida de todos nós desde a infancia, com a Aurora, a *moçoila sem sapatos*, do hymno vedico, fez-me pensar na somma de conhecimentos perdidos por termos tido um só Juvenal Galeno, e este mesmo de duração meteorica, e apenas um Celso de Magalhães, conquistado ás Letras pela Jurisprudencia, isto é, um assimilador e um judicioso critico da poesia popular (1).

(1) Quando me foi dirigida esta carta Celso de Magalhães ainda não fôra arrebatado á patria, ás letras e aos amigos, nem o dr. Sylvio Romero emprehendera a publicação do seu interessante estudo sobre a poesia popular, na *Revista*

E pensando em tantos e tão bellos talentos estiolados nas estufas da imitação dos Musset, hontem, e Baudelaire, agora, recordei-me que José Soares de Azevedo apprehendera a poesia popular. Procurei a sua lenda poetica sobre as *Mangas de Itamaracá* afim de ver se conseguia por minha vez identifical-a com alguma divindade indo-europea, afiliá-la a algum de seus mythos.

Era trabalho capaz de extinguir, de curar o mais feroz *spleen* anglo-saxonio. O meu, pois estava morto.

Encontrando o folheto da lenda, deparei tambem com *Um casamento no arrabalde*, e, em vez de entregar-me, como projectara, ao labor interpretativo, fiz a leitura do seu ramancete.

Acredita? Aquella simplicidade, aquella desprezenciosidade, aquella naturalidade, pareceram-me de sabor tão *balzachino* que conquistaram-me mais applausos que o seu *Cabelleira*.

E' uma heresia, não é assim? Tambem eu acharia se minha proposição importasse confronto com o primeiro livro da (deixa-me chamar pseudo?) litteratura do norte.

Eu não quero, exprimindo-me assim, dar opinião sobre o valor litterario de seus dois romances — minha preferencia não vae além de uma questão de sentimento.

*Brazileira*, pela razão muito plausivel de não ter esta ainda começado.

Ah! eu tenho muitas d'estas.

Quer saber dos romances de Alencar o de que mais gosto? *Os cinco minutos*. Acho n'elle uma poesia tão delicada, um perfume tão suave que ainda me não fartei de o aspirar.

De Dumas, o velho *sang-melé*, que gastara o tempo nos prazeres, porque sabia que adivinhava quanto desejava saber; de Dumas o autor de cem romances, gosto do *Amaury*.

Em pintura, e V. sabe quanto aprecio o Victor, quantos dias tenho passado contemplando sua epopéa dos *Guararapes*, sua *Primeira missa*, etc., pois gosto mais da *Moema*, julgando-a na concepção, na execução, no valor material e artistico inferior ás outras.

E' que sempre que a belleza e a poesia vem insinuar-se em minha alma, suavemente, modestamente — eu as prefiro.

E' por isto que gosto mais das luzes do arrebol vespertino que das opulencias do meio dia.

Fiz comprehender em que importam minhas preferencias?

Então eis porque gosto d'aquelle seu romance, talvez completamente esquecido do proprio autor.

Porque não fal-o ser lido aqui?

Sei que me vai repetir o que por vezes me tem dito a proposito dos seus *Patriotas de 1817*:

— Para ficar nas livrarias á disposição das traças, com prejuizo das despezas de impressão? Ah!

o povo brasileiro não lê escriptos de brasileiros.

E' verdade, nós pouco lemos do que é nosso, mas sabe por culpa de quem? da imprensa jornalística.

Sim, da imprensa.

Publica-se um livro e a imprensa cala-se, pois a tanto equivale a noticia fria e descarnada que dá.

Agora mesmo temos tres exemplos.

Com pequeno intervallo V. publicou seu *Matuto*, segundo livro da litteratura do norte, o dr. Araripe Junior, *Luizinha*, romance que pertence ao mesmo cyclo litterario, e o dr. Sylvio Romero poesias enfechadas sob o titulo *Cantos do fim do seculo*.

O que disse a imprensa? Nada. Reina um silencio em torno d'estas novas publicações.

E no entanto Tristão de Alencar é moço que desde os tempos academicos trabalha nas letras, escreveu contos, romances, criticas, envolveu-se em polemicas politicas e religiosas, fez conferencias no Ceará — emfim tem procurado construir um nome.

Sylvio Romero é autor de innumerados trabalhos de critica. Desde os annos de seu tirocinio academico procurou accentuar sua personalidade analysando escriptos e escriptores brasileiros de certa allitude. O nome proprio, por maior que fosse, não o fazia parar, até, pelo contrario, o rigor de sua analyse caminhava sempre na razão directa d'elle. Laborioso, nunca deixou-se ficar na retaguarda;

o jornalismo do Recife deve-lhe parte da elevação a que attingiu.

V. é dramaturgo, romancista, critico, polemista e fez-se chefe do que chama litteratura do norte, no que discordo. E discordando, porque entendo que o que constitue uma litteratura não é o assumpto de que ella se occupa, mas sim o conjuncto dos trabalhos intellectuaes de um povo, escripto em seu idioma, pois não posso admittir que, por ex. *L'amour dans le mariage*, de Guizot, pertença á litteratura ingleza, *Les orientales*, áquella cujo nome pronunciando-se o do livro fica designada, *Gil Blas*, de Lesage, o *Cid*, de Corneille, e o *Ernani*, de Hugo á hespanhola, *Alba e Nadège* de Luiz Ennault, á sueca, os romances de Gustavo Aymard, á americana (?), etc., e sim todos elles á opulenta litteratura franceza; discordando, dizia, sou o primeiro a reconhecer que V. com seus novos livros deu salutar direcção á nossa nascente e vacillante litteratura, amoldou-lhe á physionomia o cunho brasileiro, assim provando que ella é independente, que póde existir inteira sem que se falle uma vez siquer em tupys e tamoyos, tacapes e borés.

Sabe que foram sempre estas as minhas idéas, deve recordar-se que em nossa *União do Norte* por vezes discutimos a respeito.

Pois bem, obras de um homem, como V., que além de occupar posição digna de fazel-o, notado

pelos homens de certa esphera social, foi redactor de uma gazeta da importancia da *Verdade* — deixam-se envoltas no silencio!...

Fallei na *Verdade*!...

Acaso sabem, ou lembram-se ainda os que souberam, de sua existencia?

No entanto, meu caro, — e se isto pôde lisongeal-o, lisongei-se —; no entanto se não fosse a *Verdade* aquella conspiração de Vertentes não teria sido frustrada por falta de elementos, a rebellião dos *quebra-kilos* não se teria concentrado em poucos municipios da Parahyba e ainda em menor numero de Pernambuco, e a prisão do sr. Dr. Vital teria custado muito sangue!

Elle não quiz seguir a pé, e em habitos pontificaes com o fim de incorrer no ridiculo. Contava com a massa da população, mas estava enganado. O Recife estava transformado. A *Verdade* e as conferencias promovidas pela Maçonaria tinham mostrado aos que não eram analphabetos ou surdos por systema que o que diziam religião não passava de interesses partidarios dos inimigos do progresso.

Quem mais do que V. tem direito a juizo severo e franco da imprensa? E ella é indifferente!

Nem que se tratasse do escripto de um principiante destituido de merito, ou que, pelo menos pela estreia nada demonstrasse, de bem ou de mal!

Insulto ou delicada, porém formal contestação de merecimento?

Nem um, nem outra. E' apenas systema comodo de livrar-se de compromettimentos, este systema habitual da imprensa.

Mas não é por certo para que se leia no dia seguinte, em todas as gazetas do paiz, e com a uniformidade das caixinhas de musica, o indefectivel :

« Recebemos do sr. F. um exemplar de sua obra\*\*\*, impressa na typographia\*\*\*. Agradecemos » que conserva-se o costume de offerecer-se ao jornalismo um exemplar de cada obra publicada.

Nem é favor tão pouco; é direito do jornalismo esta recepção, como é direito do escriptor o juizo imparcial e franco sobre sua obra.

Pois bem — se ha dois direitos em concurrencia, e se um é respeitado, porque o outro é contestado ou sophismado ?

Sei que allegam, e com fundamento, a susceptibilidade ultra de muitos de nossos escriptores, que não toleram sem irritabilidades *crotalicas* a menor observação sobre seus pimpolhos intellectuaes.

Sei.

*Quid indè ?*

Porque pôde ficar amuado um fatuo, desiste *um homem de bem* do cumprimento do dever ?

E porque não se observa a mesma consideração para com os homens politicos ?

Por desgraça a reputação do politico será com-

paravel ao muro caiado de novo, que desperta no garoto o desejo de sarapintal-o com o primeiro carvão apanhado no lixo?

O caso é outro.

A politica tem o dom de attrahir. Para julgarmos aptos para n'ella representar qualquer papel, basta-nos saber soletrar. Mas os logares são poucos, abrir vagas, pois, é a tarefa de quem ambiciona.

Por isto todos atiram-se aos politicos como os vagalhões da tempestade ao penhasco perdido na entrada de um estreito.

Quanto ás lettras...

São pouco lucrativas, excepção a favor das de cambio!...

Se ha quem as julgue occupação impropria de homens feitos...

Recordo-me que o dr. Macedo foi atado ao poste do escarneo, porque, deputado provincial, publicou o lindo poema *Nebulosa!*...

Não é pois, o temor de offender!... E quando fosse era infundado e irrisivel. Em toda parte a imprensa digna cumpre este dever e os Planche, e os Sainte Beuve, e os Sarcey, e os Ramalho Ortigão não andam ou andaram de espada em punho a baterem-se em duello.

A missão da imprensa é difficil, é mesmo arriscada, por isto nobre e util.

*Leader* da opinião deve dizer franca, imparcial,

judiciosa, e mais que tudo *competentemente*, o que pensa a respeito de todos os acontecimentos pelo menos os locais de certo vulto e alcance.

Ella é além de *leader*, guarda e defensora de todos os direitos.

Imprensa que até ahí não alveja, não é imprensa — é papel sujo por caracteres de antimónio e tinta feita com pó de sapatos diluidos em óleo de linhaça — pôde servir para nodoar caracteres, abrir brecha em reputações, muitas vezes honrada e laboriosamente firmadas, e... para papel de embrulho — não para esclarecer. Pôde ser o tição que tisma, mas nunca o pharol que illumina.

A imprensa brazileira representa papel intermediario; não é bem de uma nem de outra das duas especies. Representa um typo de transição; um ornithorinco moral, nem passaro completo, nem completamente mamifero, tendo de ambas as classes, traços bem pronunciados e caracteres bem distinctos. Assim vemo la, ás vezes, abrir o vôo, atravessar o espaço, attingir as regiões superiores das altas questões sociologicas, economicas e politicas; outras, em seguida, baixar bruscamente á terra, ás questões de interesse pessoal, e ainda mais, atirar-se á agua lodosa dos brejaes e charcos onde pullulam os batracios e os ophidios, donde á menor ondulação, ao mais diminuto revolvimento se desprendem miasmas, transbordam as massas putridas das paixões inconfessaveis !...

A nossa imprensa, que registra até factos do exclusivo dominio da vida privada, como os bailes familiares, habito que só a vaidade parva podia fazer crear e tornal-o inoffensivo, a nossa imprensa, que fareja nos banquetes solemnizantes de qualquer acto referente muitas vezes a illustre desconhecido, quantos calices de hesperidina ou de *old brandy* foram, antes do brodio, esvasiados para alentar o enfraquecido estomago de s. ex. *tal*, e quantas taças de champagne virou s. ex. *qual* em honra de seu amigo *Fuão*; a nossa imprensa não transportou da Europa o uso de noticiar, *depois de estudo circumspecto*, os livros que são offerecidos á sua analyse critica.

O resultado é que o apparecimento dos nossos livros escassêa, e os raros que se aventuram no mercado, só obtêm procura, quando os taberneiros os tomam a peso para encartuchar especia-rias.

Nem se diga que não é á imprensa que devemos o facto excessivamente vergonhoso de não serem lidos mesmo escriptos, firmados por nomes distinctos de nossa litteratura. Temos um exemplo de hontem — a procura excessiva, o esgotamento em poucos dias, de um livro bem escripto, mesmo primoroso na fórma e na concepção, mas não o unico com taes caracteristicos, devido principal, senão unicamente, á posição que assumio a nossa imprensa incitada por um dos paladinos do jornalis-

mo, o distincto pamphletista portuguez, o sr. Ortigão.

É inutil dizer que me refiro ao *Primo Basilio*.

Habituamo-nos a ouvir dizer que lemos pouco, ou pelo menos que só lemos livros escriptos em francez. Mas isto é uma falsidade. Tanto não lemos pouco que as livrarias se multiplicam, e os belchiores de livros surgem em todos os bairros, e seu commercio tanto progride que alguns, em pouco tempo, se methamorphoseam em verdadeiros livreiros, e até em livreiros edictores. À accusação de que não lemos obra em idioma vernaculo responde o facto de sermos os primeiros consumidores das edições portuguezas.

Só não lemos os escriptos dos litteratos nacionaes. — A excepção a favor de José de Alencar e Joaquim Manoel de Macedo não enferma em nada a proposição.

A causa? Será que não tenhamos patriotismo? Não. Sempre que vem a pello citamos, a proposito de letras, o autor do *Guarany*, como o Carlos Gomes para contrapôr a quanto maestro teem produzido operas, Pedro Americo et Victor Meirelles sempre que se falla em pintura. Nós nos comprazemos com estas glorias nacionaes.

Porque não deixamos entregues ás traças dos mercadores de livros *As noites de insomnia*, a *Morte de D. João*, o *Crime do Padre Amaro*, por exemplo? Será o patriotismo de nossos hospedes

o thaumaturgo? Também não creio. Nós também concorremos ao mercado.

Mas deve haver uma causa! Sem duvida. E, quanto a mim, a critica portugueza, é aquella pleiade de talentosos rapazes e duas distinctas senhoras, que vivem para e pela penna, e que isto produzem.

Precisando do assumpto hodierno para suas elocubrações, não deixam passar sem analyse, mais ou menos justa e imparcial, publicação que lhes vae ás mãos. Seus folhetins, seus artigos criticos e bibliographicos sendo transcriptos por nossos gazeteiros *economicos*, ou sendo aproveitados á surdina pelos livreiros para chamariz, ou á socapa por alguns correspondentes que gostam de fazer litteratura sem o trabalho da deglutição — dão-nos sciencia dos novos livros e seu valor, aguçam-nos o appetite, de sorte que, quando aqui são expostos, nos apressamos em adquiril-os.

Tem produzido tão bons resultados o systema seguido em Portugal pelos seus jornalistas, que nós, aqui e nas provincias, conhecemos melhor o mais mediocre escriptor de alem mar, que o mais distincto da provincia visinha. Perguntem no Castellões ao primeiro litterato que avistarem : — Quem é Tobias Barreto de Menezes? e se elle responder... Vão á Bahia, ou a Pernambuco, ou ao Maranhão, ou ao Pará e perguntem em qualquer das redacções : — Quem é Pedro Luiz? E

teremos o mesmo resultado. E diremos sem hesitar quem é o cantor das *Odes modernas* e o vidente das *Claridades do Sul!*

Oh! não é exageração, ou não será grande.

Aqui poucos sabem quem é Victoriano Palhares. No Norte Escragnolle Taunay é conhecido por ter na Camara a dvogado a grande naturalisação. Aqui e alem Joaquim Serra se não fosse o escriptor dos *humoristicos boatos*, que tanto pello arrancaram com o couro, passaria ignorado, pintasse quantos *Quadros* quizesse, embora todos cheios da belleza commovente d'aquelle dramatico *Rasto de sangue!*...

Ha excepções, ha; mas com ellas não se discute.

E pois quem é o culpado do pauperismo de nossas lettras? O jornalismo.

Convém quebrar-se a ignava cadêa que maniata o jornalista brasileiro, quando se trata de dar opinião sobre qualquer nova publicação de compatriota.

É esta falta de exacção de dever que fez nascer o elogio mutuo. O amigo, sem temor de contradictada parte de uma imprensa independente, justa e illustrada, vae rabiscando o que quer a respeito da producção de seu confrade, na certeza de ser pago na mesma especie, mais tarde, em circumstancia identica.

Por outro lado os autores quando lêem alguma

rara apreciação sem louvaminhas, atiram-se furiosos sobre o critico, insultando-o entre exclamações :

— É calúnia, é inveja, é incompetencia !...

O resultado é o trigo e o joio — José do Patrocínio e Avidio Leite — passarem com a mesma cotação, um e outro não encontrarem comprador e ser a traça o primeiro consumidor dos nossos productos litterarios.

É preciso e ha de ter fim esta miseria, e para isto faz-se mister esforço de alguém.

O redactor da *Verdade* que não fraquejou nem quando a conspiração amarrou um *cordão sanitario* em torno de seu escriptorio de advogado, é caracter fundido para este commettimento.

Não pare com suas publicações, que a *litteratura do norte* não acabe no *Matuto*.

Prosiga, complete sua obra e se elevará aqui á posição a que tem jus.

Busque um logar na imprensa, e uma vez n'ella trate de dirigil-a convenientemente.

D'ahi dê golpe mortal no systema anodino do « Recebemos e agradecemos ».

Quem achou-se com forças para o longo remigio afim de fitar de perto o sol de nossa litteratura, nas *Cartas a Cincinato*, não temerá de occupar-se de nenhum outro escriptor que appareça.

E a seu exemplo todos os jornaes abrirão uma columna ás noticias bibliographicas e as letras

sendo presadas animar-se-hão, desenvolver-se-hão.

O espirito de imitação é o que mais predomina entre nós. Depois que *Prudhomme* elevou-se ao nivel de Paul Courrier quem mais se aventura a publicar as perissologias denominadas folhetins?

E o que acontecerá quando un jornal regularmente analysar com criterio, e de accordo com os processos que o Taine poz em voga, os trabalhos que se offerecerem ao seu exame.

Mas para que V. seja chamado ao papel que lhe é proprio, ainda deve ser mais conhecido.

Para isto não se concentre. O silencio sobre seus livros é filho unico e exclusivo da ignavia. Dê o apreço que elle merece.

Sei que a impressão aqui é cara; publique em folhetins seus romances. Serão mais lidos.

Seja tenaz e vencerá.

*Um casamento no arrabalde*, pequenino como é, está no caso de ser o primeiro a encetar a publicação.

Não deponha a penna.

Deixa-me antes de pôr o ponto final aventurar um conselho?

Mas não ria-se.

Eil-o.

Leia Balzac... Disse mal: — leia quem quizer, mas estude Balzac. Seu espirito fundido nos mesmos moldes conseguirá facilmente descobrir o segredo que levou o autor da *Comedia humana* a

fazer viver na grande tela de suas composições a humanidade inteira representada por algumas centenas de typos.

Estude-o, e a sociedade brasileira ficará conhecida, suas physionomias apanhadas, seus habitos e costumes bem descriptos, seus vicios e virtudes bem estudados, os caracteres bem acentuados, a natureza bem reproduzida.

E então, em vez de termos sob o nome de Juca, Yayásinha, sr. Jequiriçá ou D. Mariquinha a parisiense ou o lyonez, o bretão ou o filho do Hâvre — teremos brasileiros completos no typo e no moral, fallando o idioma portuguez e pensando como podem pessoas educadas sob o regimen de uma methaphysica esboroadada e postas em contacto com gente de todos os pontos da terra, assistindo constantemente ao desmoronamento do character premiado, a severidade de principios encarada como loucura digna de piedade e o dinheiro como o alvo principal de todas as vistas!

.....  
Sabe que horas são? Acaba de ser disparado o tiro da madrugada.

Vou ver se posso ainda dormir um pouco. Decifre os garranchos e

*Good morning.*

Santa Thereza, julho de 78.

RANGEL DE S. PAIO,



*Amigo e collega Rangel de S. Paio.*

A sua carta veio despertar em mim saudosas reminiscencias. Idéas e acontecimentos que me parecia estarem de todo e para sempre mortos, avivou-os e fel-os resurgir no meu espirito, ora voltado para pontos tão diversos, a leitura d'aquelle trecho em que o senhor se refere á *Verdade*, folha que tive a honra de dirigir por perto de dois annos. Lembrou-me o papel de uma população quasi em peso que buscava sair do dominio theologico, como já se dizia, lutando com uma instituição cercada do prestigio da autoridade de ha muitos annos e da consagração de crença nunca até então abalada tão vivamente.

Apresentava o Recife por este tempo uma feição que o lapis da historia ha de apanhar ainda, inspirando-se nos documentos e nas tradições.

O povo lia então, como nunca lera antes e como não lerá tão cedo. Cada dia trazia uma nova forma, uma nova manifestação d'este Briareu invencível a que se chama imprensa. Era o periodico ephemero, era o avulso pungente, era a proclamação incendiaria, o verso taful, a satyra envenenada, e em tudo isto o que verdadeiramente fallava não eram as vis paixões do povo, senão o esforço da consciencia por libertar-se de antigas cadêas que a encorrentavam.

O Recife mal dormia as noites. Logo muito cedo, o artista, o negociante, o empregado publico, o homem de letras, o joven, o ancião, a moça, a matrona, a velha estavam lendo o jornal. Nunca vi excitação igual no espirito publico, tendo as raizes no lar domestico. Mas não deve causar admiração aquelle constante alvoroço : tratava-se de questão religiosa.

Os que eram pelo bispo queriam ver como os maçons e os que seguiam estes respondiam aos actos episcopaes do dia precedente; os outros queriam conhecer os novos golpes que a maçonaria desfechava contra o episcopado que campeava fulminando excommunições, mandando expulsar das irmandades os da *seita condemnada*, negando os ultimos socorros espirituaes aos que em vida, ou na hora extrema não tinham riscado os seus nomes dos quadros maçonicos, ou consentido que os seus diplomas fossem queimados.

Recordo-me ainda do que occorreu por occasião de publicar-se a pastoral do bispo que prohibia *sub gravi* a leitura da *Verdade*. Resolveu a redacção d'este periodico fazer o que em casos semelhantes é uso : annunciou pelas folhas diarias que distribuiria gratis ao povo o numero seguinte. Quando chegou a occasião de distribuir-se o annunciado numero, as proximidades do escriptorio cobriram-se de gente; e pelas escadas subia e descia povo que parecia carreiro de formigas. Em poucas horas esgotou-se uma edição de 5.000 exemplares. Para o Recife, onde a *Verdade* tinha grande circulação, aquelle extraordinario consumo da folha amaldiçoada indicava grande favor publico.

Tenho saudades d'este tempo de febre nos espiritos, de excitação nos centros nervosos da grande cidade : a excitação por uma grande causa ateia a chamma da vida.

Formávamos no Recife não só uma cruzada contra o obscurantismo, mas tambem um congresso litterario do qual nasceu a *União do Norte*, que foi de pouca duração, porque o assumpto religioso, novo, cheio de actualidade, absorvia os animos quasi exclusivamente.

Lembrou-me tambem o *Casamento no arrabalde* que, como bem pondera, estava inteiramente esquecido do proprio autor. Escripto em menos de uma semana para ser publicado no rodapé de uma das folhas diarias, por circumstancias que não

vem ao caso referir, fôra editado por um livreiro, e saira a lume em 1869.

Deveras acha o meu amigo merecimento n'este brinco da minha penna, o qual sómente se explica pelas tintas escolares que ainda lhe restavam? Não estará o senhor enganado? Se eu não tivesse mais de uma prova do seu bom gosto, da delicadeza do seu paladar litterario, era capaz de dizer que o cegára a amizade em primeiro logar, e em segundo o illudira o laço que prende este passageiro trabalho a tempos que merecem ao senhor, como a mim grato apreço, por se passarem onde o nosso espirito juvenil, ainda enleiado em aspirações de gloria, achava um centro em que se vivia mais para as lettras do que, como aqui, para a vida das ruas onde tanto tempo se gasta sem proveito, onde depressa se envelhece, e mais depressa ainda se descrê de tudo, e desconfia de todos, ainda dos mais intimos.

Em um ponto da sua carta não andou longe da verdade o meu amigo. Eu não possuia, de facto, nenhum exemplar do *Casamento no arrabalde*; fôra este como uma nota solta, perdida por entre a folhagem da pittoresca estrada, theatro do drama singelo que lhe dera existencia; nunca mais resoara ella aos meus ouvidos: era uma vibração do meu cerebro de todo extincta. Ha de lembrar-se que depois de receber a sua carta, lhe pedi o seu exemplar para reler a obra.

A nova leitura não me animou muito, conquanto a singela producção n'aquelle tempo fosse bem recebida pelo publico do Recife.

Coisas do meio em que estavamos. Aqui o meio é outro; e o senhor não o ignora. Estou quasi affirmando que não diz com o gosto fluminense leitura tão despretenciosa. Hoje em dia eu não poria em letra de imprensa producção de horizonte tão estreito, porque entendo que nas letras, ainda as amenas, não é licito prescindir de um ideal que represente a victoria de um principio, uma instituição, uma idéa util á sociedade. O romancista moderno deve ser historia<sup>do</sup>, critico, politico ou philosopho.

O romance de phantasia, de pura imaginativa, este não quadra ao ideal dos nossos dias.

Ora, alli, se não ha pura imaginação, não ha todavia um principio vigoroso, não ha o estudo, a critica de grandes forças, a applicação de grandes leis sociaes.

O que alli se vê é a historia particularissima de um casamento de dois jovens, as ameaças e incitações, ora decisivas, ora hesitantes, do amor meio escondido, meio revelado de uma mulher casada e um bacharel novo que trazia ainda muitos enleios e phantasias de estudante; descripções de paisagens; gracejos rapidos; pinturas tambem rapidas de caracteres que, devidamente estudados, talvez dessem para maiores telas. Não sei se isto agra-

dará ao paladar cortezão que não está acostumado a comidas simples, mas a iguarias e manjares á franceza, com a sua mostarda, o seu sal, o seu vinagre, enfim certa combinação de ingredientes apurados, apimentados e excitantes. Eu n'este ponto, como em varios outros, sou muito provinciano, gosto do que é simplesmente doce e se parece com o succo da canna chupada na casa do engenho, ou a deliciosa mangaba sorvida ao pé da arvore que a produz, em região agreste e virgem.

Mas, como se afigura ao senhor que esta producção, na realidade inspirada em costumes verdadeiros, seu unico merito talvez, póde entrar na circulação litteraria, opportunamente lhe farei a vontade.

Quer, porém, que lhe diga uma verdade? A sua carta veiu dar-me novas forças. Se não fôra ella, talvez não me mettesse a fundar com outros a *Revista Brazileira*; certamente não escreveria o *Sacrificio*, romance que me vae saindo da penna aos dois capitulos de quinze em quinze dias.

Não advertiu no modo como se tratou alli do casamento de Paulo e Virginia? Se advertiu, ha de reconhecer que fui sobrio n'este ponto. A razão das suas curtas dimensões é porque o considerava tratado longamente no *Casamento no arrabalde*. Para que repetições inuteis? O Paulo e Virginia do *Sacrificio* são o Pedro e a Lucilla do *Casamento*; e não só estes, mas outros personagens

são communs ás duas narrativas. Demais eu tinha já commigo a sua carta, e estava resolutto a completar com a segunda edição do primeiro trabalho a historia que vem amplamente contada no ultimo. Quem ler este na *Revista Brazileira*, deve ler o *Casamento no arrabalde*. São muito differentes os estylos; mas ha razão para isto : sobre a penna que escreveu o *Sacrificio* pesam mais dez annos. O publico dirá se o escriptor ganhou com esta dezena, que se não lhe augmentou o immenso caminho para a immortalidade, certo lhe encurtou o da sepultura.

A presente carta já vai longa, e todavia não tratei nem tratarei por esta occasião do ponto, a meu ver, mais importante da sua — o que se refere á litteratura do Norte.

Pensa então o meu amigo que a idéa de uma litteratura especial do Norte não tem fundamento?

Ha muito que desejo occupar-me com este assumpto que de alguns amigos tem merecido o mais franco apoio, de outros restricções, e de uns desaffectedos que mal conheço, grandes protestos, e até insultos e aggressões pela imprensa.

Valer-me-hia d'esta occasião para conversar com o amigo bom, generoso e leal — o senhor, responder ás objecções dos amigos divergentes, e rebater, dentre as aggressões aquellas que poderiam ser tomadas em consideração sem ficar conspurcada a dignidade do debate, se o assumpto não

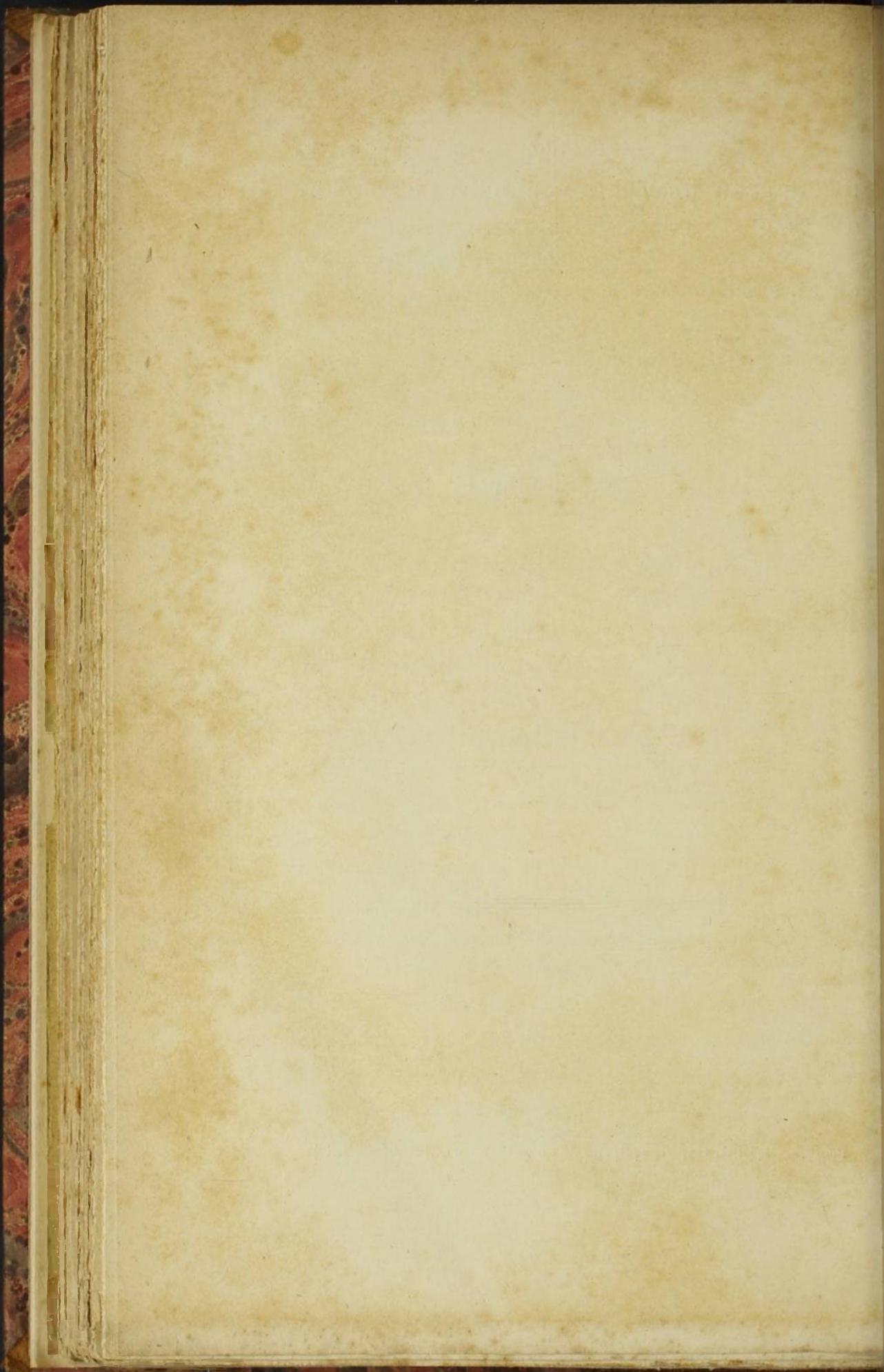
tivesse natural cabida em outro livro e por outra ocasião.

No estudo das objecções as suas terão as honras que lhes são devidas.

Larangeiras, outubro de 1879.

Seu amigo

FRANKLIN TAVORA.



LIV  
H. rca  
RDO  
cia etc  
-3 em  
farrab  
L. O  
H. O  
ca. 35  
ma A  
pica, p  
V. m  
voneza  
Mimo  
zulleis  
V. m  
va A  
nd, p  
sa de  
800  
sa  
m  
in Bro  
teira  
Moz  
osmes  
-4- t  
naaa  
era.  
quos  
de. M  
do m  
A. S.

## EXTRACTO DO CATALOGO

DA

# LIVRARIA DE H. GARNIER

71, rua do Ouvidor, 71

RIO DE JANEIRO

6, rue des Saints-Pères, 6

PARIS

### I. — LITTERATURA

#### 1.º — PROSA

- Ancia eterna.** Romance de JULIA LOPEZ DE ALMEIDA. 1 vol. in-18 enc. br. . . . . 2\$000
- Alfarrabios.** Chronica dos tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR; contendo :
- I. **O Garatuja.** 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- II. **O Ermitão da Gloria e a Alma de Lazaro.** 1. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Alma (A) e o cerebro,** estudos de psychologia e de physiologia, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º. . . . . 8\$000
- Baroneza (A) de amor,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Brazileiras celebres,** por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Caça (A) de um baronato.** A herança esperada e inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Casa de pensão,** por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Casamento de tirar o chapéo.** O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. . . . . 1\$000
- Carteira (A) de meu tio,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000
- Casamento (Um) no arrabalde,** por FRANKLIN TAVORA 1 v. in-4.º br. . . . . 1\$000
- Chanaan,** Romance de GRAÇA ARANHA (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 br. 4\$000, enc. 5\$000, souple. . . . . 6\$000
- Ciganos no Brazil (Os).** Contribuição ethnographica, pelo Dr. MELO MORAES FILHO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Cinco minutos. A Viuvinha.** Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

- Commentarios e Pensamentos**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, 3\$000
- Condessa vesper (A)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 vol. in-18 enc 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Confederação (A) dos Tamoyos**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. . . . . 8\$000
- Contos da roça**, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR, 2 vs. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Contos ephemeros**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Contos Fluminenses**, contendo Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Contos fora da moda**, por ARTHUR AZEVEDO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000
- Contos possiveis**, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. in-8.º. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Contos sem pretensão**. A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Correr (Ao) da Penna**. (Folhetins.) Revista hebdomaearia das paginas menores do « Correio Mercantil », por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Cortiço (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Coruja (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Crime (O) do Padre Amaro**, por EÇA DE QUEIROZ, 1 gr. v. in-8.º br. . . . . 9\$000
- Culto (O) do Dever**. Romance, pelo do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000
- Curiosidades**, Noticias e variedades historicas brasileiras, por MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º. enc. 3\$000, br. 2\$000
- Curso de litteratura brasileira**. Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta*. pelo Dr. A. S. DE MELLO MORAES FILHO, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-4.º enc. . . . . 6\$000
- Curvas e Zig-Zags**. Contos humoristicos, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Diva**. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Dom Casmurro**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Dous (Os) Amores**. Romance brasileiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Dous dias de felicidade no campo**, seguido do Curso de experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie,

- mas de grande profundidade. O relógio de Gertrudes, por  
**FAUSTO**. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Doutor (O) Benignus**, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 2 vs.  
 in-8.º enc. 2\$000 br. . . . . 3\$000
- Ensaio de sociologia e litteratura**, por SYLVIO ROMERO  
 (da Academia Brasileiro). 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Epochas e Individualidades**. Estudos litterarios por CLOVIS  
 BEVILAQUA. 1 v. in-8.º enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Ermitão (O) da Gloria, A Alma de Lazaro**, por J. M. DE  
 ALENCAR. 1 v. in-8.º 3\$000 br. . . . . 2\$000
- Ermitão (O) de Muquem**, ou a historia da romaria de  
 Muquem na provincia de Goyaz, romance de costumes  
 nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc.  
 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Esloz os Litterarios**, por ABHERBAL DE CARVALHO. 1 vol.  
 in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Esriptos e Discursos litterarios**, por J. NABUÇO (da  
 Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. . . 4\$000
- Estudos de Litteratura brasileira**, por JOSÉ VERISSIMO  
 (da Academia Brasileira). 3 vols, in-18, cada vol. amador  
 6\$000, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Escrava (A) Isaura**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º  
 enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Factos do Espirito Humano**, pelo Dr J. G. DE MAGALHÃES,  
 visconde de ARAGUAYA, 1 v. in-8.º enc. 8\$000, br.. 6\$000
- A Familia Agulha**, por LUIZ GUIMARÃES junior, 2 vols.  
 in-18 enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Fantina**, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARÓ.  
 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Fatalidades (As) de dous jovens**. Recordações dos tempos  
 coloniaes, por TEIXEIRA E SOUZA. 1 v. in-8.º enc.  
 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Favos e Travos**, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.º  
 enc 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Foragido (O)**, por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma  
 noticia biographica, por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v.  
 in-8.º, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Festas e tradições populares do Brazil**, pelo Dr. MELLO  
 MORAES Filho, 1 v. com illustrações, in-4.º enc. 8\$000  
 br. . . . . 6\$000
- Forasteiro (O)**. pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs.  
 in-8.º enc. 9\$000, br. . . . . 6\$000
- Os Francezes no Rio de Janeiro**. Romance historico, pelo  
 Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Garatuja (O)**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc.  
 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Garinpeiro (O)**, romance por BERNARDO GUIMARÃES, 1 v.  
 in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Gatcho (O)**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.º enc.  
 6\$000, br. . . . . 4\$000

- Guarany (O)**. Episodios da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Girandola de Amores** já publicado com o titulo. **Mysterio da Tijuca**, litteratura dos vinte annos, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.º enc. 4\$000. br. . . . . 3\$000
- Guerra dos Mascates**, chronica dos tempos coloniaes, por SENIO (J. M. ALENCAR). 2 v. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . 4\$000
- Helena**, romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Historias Brazileiras**, por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Historia da litteratura Brazileira**, por SYLVIO ROMERO. 3 vols. in-8.º enc. 24\$000, chagr. 30\$000. Vendem se cada volume separadamente enc. 8\$000, chagr . . . . . 10\$000
- Historias da Meia Noite**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc, 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Historias sem data**, por MACHADO DE ASSIS. 1 vol. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Holocausto**, romance por XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.º enc 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Homem (O)**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Homens e cousas estrangeiras**, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. . . . 4\$000
- Homens e livros**, por MAGALHÃES DE AZEREDO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Hora (A)**, por NECTOR VICTOR. 1 vol. in-18 enc 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Ilha (A) maldita. — O pão de Ouro**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Indio (O) Affonso**, seguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Instrucção (A) publica no Brazil**, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO. 1 v. in-4.º enc. . . . . 7\$000
- Iracema**, lenda do Ceará, por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Lendas e Romances**. Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º, enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Litteratura do Norte**, por FRANKLIN TAVORA : 1º *O Cabeleira* — 2º *O Matuto* — 3º *O Lourenço* — 4º *Um casamento no arrabalde*. 4 v. in-18 que se vendem separadamente, cada vol. enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Livro (O) de uma sogra**, por ALUIZIO AZEVEDO, 3.ª edição. 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Lobos de Pariz (Os)**, por JULIO LERMINA. 3 v. br. . . . . 9\$000
- Lourenço de Mendonça**. Episodio dos tempos coloniaes,

- pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Luciola.** Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Luneta (A) magica,** pelo Dr JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Mãe Tapuia** (contos), por MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Maias (Os),** episodios da vida romantica, por EÇA DE QUEIROZ, 2 grossos volumes in-8.º br. . . . . 16\$000
- Mandarim (O),** por ECA DE QUEIROZ, 1 v. in-8.º, br. . . . . 4\$000
- Manuscripto de uma mulher,** pelo visconde DE TAUNAY, 1 v. in-8.º, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Mariposas,** romance brasileiro, por EDMUNDO FRANK 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Martyres da vida intima,** por PIRES DE ALMEIDA. Photographias. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. . . . . 1\$000
- Martyrio (O) do Tiradentes,** ou Frei José do Desterro, lenda brasileira, por NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-12, enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000
- Mauricio** ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por BERNARDE GUIMARÃES. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Memorias posthumas de Braz Cubas,** por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Memorias da rua Ouvidor,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Memorias de um Sargento de Milicias** (romance de costumes brasileiros), por M. A. DE ALMEIDA, precedido de uma Introducção litteraria, pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia brasileira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Memorias do Sobrinho de meu Tio,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Minas (As) de Prata.** Complemento do « Guarany ». Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. DE ALENCAR. 3 v. in-8.º enc. 12\$000, br. . . . . 9\$000
- Minha Formação,** por JOAQUIM NABUCO (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 amador 6\$000, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Mocidade de Trajano,** por SYLVIO DINARTE. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Moço (O) Loiro,** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000
- Modernas ideias (As) na Litteratura Portugueza,** por THEOPHILO BRAGA. 2 vs. enc. 12\$000, br. . . . . 10\$000
- Moreninha (A),** pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Morte dos Deuses.** Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000

- Morte moral (A).** Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 v. in-8.º enc. 16\$000, br. . . . . 12\$000  
 Parte primeira. — *Cesar*.  
 Parte segunda. — *Antonietta*.  
 Parte terceira. — *Annibal*.  
 Parte quarta. — *Almerinda*.
- Mulato (O).** por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Mulheres (As) de Mantilha,** romance historico, pelo, Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000
- Mysterios da Tijuca.** Vide *Girandola de Amores*.
- Mythos e Poemas.** Nacionalismo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Namoradeira (A).** Romance pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. . . . . 6\$000
- Narrativas militares** (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Nina.** Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- No Declinio,** por Visconde de TAUNAY. 2.ª edição, 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Noivo (Um) a Duas Noivas.** Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.º enc. 9\$000, br. . . . . 6\$000
- Nocturnos.** Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introdução do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Noivos (Os) de MANZONI** . . . . . 10\$000
- Novellas,** por Dr. FABIO LUZ. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Novena do Candelaria (A),** 1 nitido vol. enc. dourada 5\$000
- Novos estudos de Litteratura Contemporanea,** por SYLVIO ROMÉRO. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Obras de H. de Balzac :**  
*Eugenia Grandet.* *Physiologia do casamento.*  
*O Lyrio do valle.* *Esplendor e miseria das*  
*O Tio Goriot.* *cortezãs.*  
 D cada vol. enc 3\$000, br. . . . . 2\$0 0
- Obras do Dr. ANTONIO FERREIRA.** 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego FERNANDES PINHEIRO, 2 vs. enc. 8\$000, rica enc. . . . . 12\$000
- Obras de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO,** precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 v. in-8.º enc. 9\$000, br. . . . . 6\$000
- Opusculos historicos e litterarios,** pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4.º enc. . . . . 8\$000

- Opusculos recreativos e populares**, pelo Dr. HAMVUL-  
TANDO. 1 v. in-4.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Ouro sobre azul**, pelo visconde DE TAUNAY, 3.ª edição. 1 v.  
in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Páginas recolhidas**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º  
enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Papeis avulsos**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc.  
4\$000, br. . . . . 3\$000
- Passeio (Um) pela cidade do Rio de Janeiro**, pelo Dr.  
JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.º com numerosas  
estampas. . . . . 8\$000
- Pata (A) da Gazella**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v.  
in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Pégadas**, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc.  
4\$000, br. . . . . 3\$000
- Philomena Borges**, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição. 1 v.  
in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Primo (O)** Bazilio episodio domestico, por EÇA DE QUEIROZ,  
1 grosso volume in-8.º br. . . . . 8\$000
- Provinciano (Um) ladino**. Onde se encontra a verdadeira  
felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . 1\$000
- Quadros e chronicas**, por MELLO MORAES FILHO, com um  
Estudo por SYLVIO ROMÉRO. 1 v. in-8.º enc. 6\$000, br. 5\$000
- Quatro (Os) Pontos Cardeaes. A Mysterosa**. Romances,  
pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc.  
3\$000, br. . . . . 2\$000
- Quincas Borba**, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc.  
4\$000, br. . . . . 3\$000
- Quo Vadis**. Romance, por HENRYCK SIENKIEWICZ, amador.  
1 vol. in-18 5\$000, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Reliquia (A)**, por EÇA DE QUEIROZ. 1 v. in-8.º br. . . 6\$000
- Resurreição**. Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º  
enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Resurreição dos Deuses**. Romance, por DMITRY DE MERE-  
JKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Retirada da Laguna (A)**, pelo Visconde DE TAUNAY, traduc-  
ção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. . . . . 5\$000
- Rio (O) do Quarto**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.  
1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Romances da Semana**, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MA-  
CEDO. 1 v. in-8.º enc. 2\$000, br. . . . . 3\$000
- Rosa**. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs.  
in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Rosaura, A Engeitada**, romance brasileiro, por BERNARDO  
GUIMARÃES, 2 vs. in-8.º, enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Sabedoria e O Destino (A)**, por M. MÆTERLINCK. 1 vol.  
in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Scenas da vida republicana**, reminiscencias do feliz tempo  
escolar, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1\$600 br. . . . 1\$000

- Seminarista (O)**, romance brasileiro por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Senhora**. Perfil de Mulher, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Sertanejo (O)**, romance brasileiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000
- Sonhos d'Oiro**, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Tronco (O) do Ipé**, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Til**. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000. br. . . . . 4\$000
- Ubirajara**, lenda tupy, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Uma lagrima de Mulher**, por ALUIZIO AZEVEDO. 2.ª edição, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Vicentina**, romance, por JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Victimas Algozes (As)**. Quadros da Escravidão pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000
- Yayá Garcia**, por MACHADO DE ASSIS. 2.ª edição, 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000

## 2.º — POESIA

- Album do Trovador Brasileiro**, escolha de lindas modinhas recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias, etc., etc. 1 vol. in-8.º br. . . . . \$500
- Aleyones**, poesias por CARLOS FERREIRA. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Alvoradas**, versos de LUCIO DE MENDONÇA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Americanas**, poesias, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in 8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$-00C
- Aspasia**, poesias, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8.º nitidamente impresso, enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Brazilianas**, poesias por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 1 vol. in-8.º enc. . . . . 6\$000
- Cachoeira (A) de Paulo Affonso**. Poema original brasileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*, por CASTRO ALVES. 1 v. in-4.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Cancioneiro dos Ciganos**. Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e superstições d'esse povo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

**Cancioneiro do Brazil**, pelo Dr. MELLO MORAES Filho. Collecção escolhida de poesias, lendas e canções populares do Brazil. E composta dos tres volumes seguintes, que se vendem separadamente :

I. — *Tradicioneaes* : Bailes pastoris.

II. — *Actualidades* : Scenas comicas, monologos e cançonetas, recitativos ao piano ou ao violão.

III. — *Hymnos* : Modinhas e lundús, seneratas, barcarolas. 3 vols enc 10\$500 br. 7\$500 vendem-se separadamente cada volume.

**Canticos Funcbres**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, br. . . . . 6\$000

**Cantora brasileira (A.)** Nova collecção de Poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. E composta dos tres volumes seguintes :

*Modinhas brasileiras*. 1 v. in 12 enc. 2\$000 br . . . 1\$500

*Recitativos*. 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. . . . . 1\$500

*Hymnos, Canções e Lundús*. 1 v. in-12 enc. 2\$000, br. . . . . 1\$500

**Cantos do Equador**, por MELLO MORAES Filho. Edição definitiva com estudos litterarias de SYLVIO ROMÉRO e XAVIER MARQUES. 1 v. in-12 enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000

**Caramurú** poema epico de descobrimento da Bahia, por FR. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO.

Nova edição brasileira, precedida da biographia do autor pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, 1 vol. in-8.º enc. 3\$000

**Chrysalidas**, poesias por MACHADO DE ASSIS. com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

**Colombo**, poema por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 2 v. in-4.º enc. . . . . 8\$000

**Corymbos**. Poesias por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-4.º br. . . . . 3\$000

**Do Amor**, por JAYME GUIMARÃES. 1 vol. in-18 br. . . . . 2\$000

**Espumas fluctuantes**, por CASTRO ALVES. Nova edição, 1 v. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

**Filigranas**, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

**Flora de Maio**, por OSORIO DUQUE ESTRADA. 1 vol. in-8 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000

**Flôres e Fructos**, poesias por BRUNO SEABRA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br . . . . . 2\$000

**Flôres entre espinhos**, contos poeticos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000

**Flôres Silvestres**. Poesias, por F. L. BITENCOURT SAMPAIO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

**Folhas do Outomno**, collecção de primorosas poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3\$000. br. . . . . 2\$000

- Horas Sagradas**, por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO, 1 v. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Hugonianas**, poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por poetas brasileiros, collegidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.º br. . . . . 5\$000
- Iliada de Homero**. Trad. em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.º enc. . . . . 6\$000
- Os Lusíadas**, por LUIZ DE CAMOES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego Dr. J.-C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões e os Lusíadas* pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brasileira. 1 v. in-12, enc. amador 6\$000, dourado 5\$000, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Lyra do trovador**. Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc. 1 v. in-8.º br. . . . . 1\$000
- Marilia de Dirceu**, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. . . . . 6\$000
- Moniz Barretto, o repentista**, estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Murmurios e Clamores**, poesias de LUCIO DE MENDONÇA (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. 3\$000
- Nebulosa (A)**. Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-4.º enc. . . . . 4\$000
- Novas Poesias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v, in-8.º 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Obras completas** de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Obras Poeticas**, de CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Edição revista por JOÃO RIBEIRO (da Academia Brasileira). 2 vol. in-18.
- Obras poeticas**, de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Obras poeticas** de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000
- Obras poeticas**, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. . . . . 6\$000
- O outomno**, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000

- Opalas**, poesias por FONTOURA XAVIER. 1 v. in-8.º br. 2\$000
- Paraiso Perdido (O)**, epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.º enc. . . . . 12\$000
- Parnaso Brasileiro**, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 2 grossos vs. in-8.º enc. 10\$000, br. . . . . 8\$000
- Parnaso Juvenil** ou **poesias moraes**, colleccionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por ANTONIO MARIA BARKER. 8.ª edição 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000
- Phalenas**, por MACHADO DE ASSIS. Poesias: Varia, Lyra chinezã. Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Poesias**: Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias avulsas**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, br. . . . . 6\$000
- Poesias**, de A. GONÇALVES DIAS, 8.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive os Tymbiras, e cuidadosamente revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, precedida da biographia do autor, pelo Sr. Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000 br. . . . . 4\$000
- Poesias** de FRANCISCO DE PAULA BRITO, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-4.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias**, por ANTONIO SALLES. 1 vol. in-18 enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000
- Poesias**, por OLAVO BILAC. 1 vol. in-18 souple 5\$000, enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias**, por ALBERTO DE OLIVEIRA, da Adademia Brasileira. Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assis, Araupe Junior e Affonso Celso (todos da Academia Brasileira) com o retrato do autor. 1 vol. nitidamente impresso em Paris, enc. 6\$000, br. . . . . 5\$000
- Poesias completas**, por MACHADO DE ASSIS (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18 amador 6\$000, enc. 5\$000, br. 4\$000
- Poesias completas**, por LUCIO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias escolhidas**, por AFFONSO CELSO da Academia Brasileira) 1 vol. in-18 enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Poesias escolhidas**, por MUCIO TEIXEIRA. 2 vols. in-18.
- Poesias posthumas** de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES. 1 vol. in-4.º enc. . . . . 6\$000
- Primeiros versos**, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

- Quadros**, Poesias, de JOAQUIM SERRA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Revelações**, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4.º enc. . . . . 5\$000
- Serenatas e saraus**.—I. *Tradicionaes*.—II. *Actualidades*.—III. *Hymnes*. 3 vols in-18 que se vendem séparadamente cada vol. enc. 3\$000, br. . . . . 2\$500
- Suspiros Poeticos e Saudades**, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 8\$000
- Urania**. Collecção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-4.º nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado. . . . . 8\$000
- Vesperas**, poesias dispersas, por THOMAZ RIBEIRO, 1 v. in-4.º br. . . . . 4\$000

## 3.º — THEATRO

- Azas (As) de um Anjo**. Comedia em um prologo, 4 a. e 1 epilogo, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. 2\$000
- Cincinato Quebra-Louça**. Comedia em 5 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º br. . . . . 2\$000
- Comedias de Martins Penna**, com um estudo critico sobre o autor e o theatro no Rio de Janeiro por MELLO MORAES FILHO e SYLVIO ROMÉRO, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Demonio (O) Familiar**. Comedia em 4 a. por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º br. . . . . 2\$000
- D. Ignez de Castro**. Drama em 5 actos e em verso, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Jesuita (O)**. Drama em 4 a., por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Mão**. Drama em 4 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Moleiro de Alcalá (O)**. Opereta em 3 actos e 4 quadros, por EDUARDO GARRIDO; musica de J. CLERICE. 1 v. br. . . . . 2\$000
- Olgiato**. Tragedia em 5 actos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAY. 1 v. in-4.º br. . . . . 2\$000
- Peccados Velhos**, farça em um acto, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º. . . . . 1\$000
- A Pera de Satanaz**, magica por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º, br. . . . . 2\$000
- O Primo da California**. Opera em 2 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.º br. . . . . 1\$000
- Scenas e Cançonetas** em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º, br. . . . . 3\$000

- Scenas e Monologas**, em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.º (no prelo). . . . .
- Theatro alegre**, comedias, operetas, magicos, etc., por EDUARDO GARRIDO, tomo I. O moleiro d'Alcalá, opereta. A pera de Satanaz, magica e Peccados velhos farça. 1 vol. in-8.º, enc. . . . . 5\$000
- Theatro do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO**. 3 vs. in-8.º nitidamente impressos, enc. 9\$000, br. . . . . 6\$000
- Volume I : Luxo é Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.
- Volume II : A Torre em Concurso, o Cégo, Cobé, Abrahao.
- Volume III : Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.
- As seguintes peças tambem vendem-se separadamente :*
- A Torre em concurso**. . . . . 1\$500
- Lusbella**. . . . . 1\$500
- Fantasma Branco**. . . . . 1\$500
- Novo Othelo**. . . . . \$500
- Tragedias** : Antonio José, Olgiato, Othelo, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.º enc. 8\$000
- Verso e Reverso**. Comedia em 2 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. br. . . . . 1\$000

## 4.º VIAGENS

- Peregrinação** pela provincia de S. Paulo, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 1860-1861, 1 v. in-4.º. . . . . 6\$000
- Viagem ao redor do Brazil**, por Severiano da FONSECA. 2 vols. enc. (raro). . . . . 25\$000
- Viagem Imperial**, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.º br. . . . . \$400

## 5.º — HISTORIA

- Memorias do meu tempo**, pelo Conselheiro, J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 v. in-4.º enc. 14\$000, br. . . . . 10\$000
- Apontamentos para a Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil**, por M. E. DE CAMPOS PORTO. 1 v. in-4.º enc. 8\$000, br. . . . . 5\$000
- Criminosos celebres**. Episodios historicos : Pedro Hespagnol, Vasco de Moraes, os Salteadores da Ilha da Caqueirada, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Estadistas parlamentares**, ou biographias de 24 notaveis parlamentares brasileiros, por TIMON. 1 v. in-folio br. contendo 7 retratos. . . . . 4\$000
- Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes**. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupira, por BERNARDO GUIMARÃES 1 v. in-8.º enc 3\$000, br. 2\$000

- Historia da Guerra do Paraguay** por TH. FIX, traduzida por J. FERNANDES DOS REIS. e annotada por \*\*\*. 1 v. in-1.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Historia da Republica jesuitica do Paraguay** desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo CONEGO JOÃO PEDRO GAY, 1 grosso volume in-4.º enc. 12\$000, br. . . . . 10\$000
- Historia Geral do Paraguay**, desde a sua descoberta até nossos dias, seguida de uma noticia biographica do estado actual do Paraguay, por DEMERSAY 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Historia dos Jesuitas**, por A. J. DE MELLO MORAES. 2 vs. in-4.º enc. . . . . 10\$000
- Historia dos Martyres da Liberdade**. por A. ESQUIROS, vertida da lingua franceza por A. GALLO, e augmentada com episodios tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4.º enc. 10\$000, br. . . . . 8\$000
- Historia Universal da Egreja**, pelo Dr. JOÃO ALZOG; traducção de JOSÉ ANTONIO DE FREITAS; obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brasileiro. 4 v. in-4.º enc. . . . . 40\$000
- Homens do passado**, chronicas dos seculos XVIII e XIX; pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Jeronymo Corte-Real**. Chronica do seculo XIV, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA, 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Manoel de Moraes**. Chronica do seculo XVI, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000
- Marquez (O) de Pombal**. Obra commemorativa do centenario de sua morte, mandada publicar pelo Club de regatas GUANABARENSE do Rio de Janeiro, ornada de um retrato do Marquez. 1 grosso vol. br. . . . . 6\$000
- Memorias do Marquez de Santa Cruz**, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000
- Primero (O) Reinado** estudado a luz da sciencia, ou a revolução de 7 Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia, por L. F. DA VEIGA. 1 grosso volume in-4.º gr. enc. 8\$000, br. . . . . 6\$000
- Resumo da Historia Litteraria**, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 grossos volumes in-4.º nitidamente impressos, enc. 17\$000, br. . . . . 14\$000
- Rio (O) de Janeiro**, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vs. in-4.º enc. 15\$000, br. . . . . 12\$000
- Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo**, sua vida,

suas opiniões e sua epoca, por seu filho JOAQUIM NABUCCO.  
 Tomo primeiro 1817-1852, enc. 15\$000, br. . . . . 10\$000  
 — segundo 1857-1866, enc. 15\$000, br. . . . . 10\$000  
 — terceiro, 1866-1879, enc. 15\$000, br. . . . . 10\$000  
*Vendem-se separadamente cada volume.*

**Varões (Os) illustres do Brazil durante os tempos coloniaes**, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 3.<sup>a</sup> edição augmentada e correcta. 2 v. in-8.<sup>o</sup>. . . . . 8\$000

**Viagens em Marrocos** por RUY DA CAMARA, com illustrações. 1 v in-4.<sup>o</sup> br. . . . . 5\$000

**Vida do grande cidadão brasileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde marquez, duque de Caxias**, desde o seu nascimento, em 1803, até 1878, pelo Padre PINTO DE CAMPOS. Ornado de um bello retrato do Duque de Caxias. 1 v in-4.<sup>o</sup> br. . . . . 5\$000

#### 7.<sup>o</sup> — OBRAS DIVERSAS DE INSTRUCCÃO E ESPIRITISMO

**Alcorão (O)**, escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.<sup>o</sup> grande enc. 25\$000, enc. de luxo. . . . . 30\$000

**Alma é immortal (A)**, por GABRIEL DELANNE. 1 vol. in-18 enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000

**Bertoldo e Familia**. 1 v. in-12 enc. perc. . . . . 2\$000

**Confissão de um badense**, seguida de : **O Coronel Hap-petaler**. Lembrança da guerra Franco Prussiana; Estudos humoristicos sobre o genio, temperamento, caracter, inclinações, usos e costumes dos Allemães, pintados á imitação da natureza, por A. ASSOLANT. Versão de A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000

**Depois da morte ou a vida futura**, segundo a sciencia por LUIZ FIGUIER, versão do Dr. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.<sup>o</sup> enc. 4\$000 br. . . . . 3\$000

**Deus na Natureza**, por CAMILLO FLAMMARION, traduzido da 14.<sup>a</sup> edição. 2 vs. in-8.<sup>o</sup> enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000

**Diccionario abreviado da fabula**, por CHAMPRE, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc. . . . . 3\$000

**Dr. Judassohn (O)**. Estudo sobre o caracter allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000

**Ensaio de revista geral**, por Dr E. GYEL. 1 vol. enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000

**Evolução Animica (A)**, por GABRIEL DELANNE. Unica tra-

- deção autorisada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO, ESPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Foé : Aventuras de Robinson Crusoe**, traduzidas do original Inglez. Dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. . . . . 10\$000
- Grandes Invenções (As)** antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes, a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidre, os Oculos de alcance, o Telescopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applicações da electricidade estatistica, Applicações da electricidade dinamica, os diversos systemas de illuminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, a Drenagem, por LUIZ FIGUIER, 1 v. in-4.º enc. . . . . 25\$000
- Homem primitivo (O)**, por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuaes das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.º enc. 16\$000
- Os mundos Imaginarios e os mundos Reaes.** Viagem pittoresca pelo céu, por C. FLAMMARION. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso volume in-8.º enc. 5\$000, br. 4\$000
- Narrações do infinito. — Lumen. — Historia de um Alma. — Historia de um Cometa. — A vida Universal e Eterna**, por C. FLAMMARION. 1 grosso volume in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- No Paiz das Sombras**, por M<sup>me</sup> d'ESPÉRANCE. 1 vol. in-18, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- No Sanctuario**, por VAN DER NAILEN. 1 vol. in-18 enc. 5\$000 br. . . . . 4\$000
- Nos templos de Himalaya**, por VAN DER NAILLEN. Unica traducção autorizada pelo autor. 1 v. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Phenomeno Espirita (O)**. Testemunhos dos Sabios com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA, por GABRIEL DELANNE. 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000
- Phenomenos occultos**, por COSTE, prefacio de Medeiros e Albuquerque (da Academia Brazileira) . 1 v. in 18.
- Pluralidade dos Mundos Habitados.** Estudo em que se expõe as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por C. FLAMMARION. Traduzida da 23.ª edição por M. VAZ PINTO COELHO e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.º enc. 6\$000, br. . . . . 4\$000
- Porque da Vida (O)**, por LÉON DENIS. 1 vol. in-18 enc. 3\$000 br, . . . . . 2\$000

- As Raças humanas**, por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.º enc . . . . . 22\$000
- Os Sabios illustres** (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER, tradução de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.º br. . . . . 2\$500
- Supremacia intellectual da Raça Latina**, resposta ás allegações germanicas; por EMM. LIAIS. 1 v. in-8.º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

## II. — MISCELLANEA

### 1.º — OBRAS DE UTILIDADE PRATICA. — ECONOMIA DOMESTICA, ETC.

- Arte (A) do Alfaiate**, por E. COMPAING, director do « Jornal dos Alfaiates ». Traducção completa do córte do vestuario. 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. . . . . 4\$000
- Conselheiro (O) da Familia Brasileira**, encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica. Um grosso volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre : habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrasas viciosas—receitas culinarias, etc., etc., pelo Dr. FELIPPE NERY COLLAÇO, bem encadernado . . . . . 6\$000
- Conselheiro (O) secreto das damas**, segredos de toucador e receitas infalliveis para conservar e embellecer as diversas partes do corpo. 1 v. n-32. . . . . 2\$000
- Correspondencia commercial (A)**, contendo mais de 300 cartas, circulares, offerecimentos de serviços, cartas de introducção et de recommendação, cartas de credito, pedido de informações, ordens de bolsa, operações de cambio, negocios me participação, consignações, transportes, seguros, transacções geraes, etc., etc., por HENRIQUE PAGE. 1 v. in-8.º enc . . . . . 5\$000
- Cozinheiro nacional** ou collecção das melhores receitas das cozinhas brasileira e européas, para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixe, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobremesa, etc. etc., acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar. 1 grosso vol. in-8.º ornado com numerosas e finas estampas. . . . . 3\$000
- Cultura das abelhas**, tratado completo e pratico de apicultura, por A PAULO SALLES. 1 v. in-8.º enc. . . . . 2\$500
- Docciro Nacional** ou Arte de fazer toda a qualidade de doces. Obra contendo 1,200 receitas conhecidas e ineditas acompanhada dos diversos processos usados para a depu-

- ração e extacção do do assucar contido nas plantas sacchari-  
nas Ornado com numerosas estampas. 1 v. impresso em  
Pariz . . . . . 3\$000
- Encyclopedia popular** (leituras uteis). Noções escriptas  
e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos hu-  
manos; noticias relativas ás cousas e instituições do Brazil;  
apontamentos historicos, geographicos, estatisticos, bio-  
graphicos, industriaes, litterarios, etc.; por BERNARDO SA-  
TURNINO DA VEIGA. 1 v. in-4.º grande enc. . . . . 16\$000
- Guia pratico do distillador**, por E. ROBINET. 1 v. in-8.º  
enc. . . . . 6\$000
- Jardineiro brasileiro**, por PAULO SALLES. 1 v. in-8.º com  
numerosas gravuras. . . . . 4\$000
- Manual do Capitalista**, por BONNET. 1 v. in-4.º enc. per-  
calina. . . . . 6\$000  
Com alguma pratica em compulsar este livro, pratica que  
aliás se adquire facilmente, o negociante, o banqueiro, o guarda-  
livros, o empregado de fazenda ficam habilitados a effectuar  
a mais complicada operação de juros, de conta corrente, de  
porcentagem, emquanto o diabo esfrega um olho...
- Manual do Gallinheiro**. Arte de melhorar e trataras gal-  
linhas e mais **aves domesticas**, contem do regras e con-  
selhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e  
produção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestas e  
seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 nitido vol.  
in-8.º com gravuras, enc. . . . . 3\$000
- Manual pratico de Viticultura**, por GUSTAVO FOEX.  
1 v. in-8.º enc. . . . . 4\$000
- Memoria sobre a sericultura no Brazil**, por JOSÉ PE-  
REIRA TAVARES. 1 v. in-4.º com 5 grandes estampas explica-  
tivas, br. . . . . 4\$000
- Novo Cozinheiro nacional**, por JULIO BRETEUIL. 1 grosso  
vol. in-8.º illustrado com muitas gravuras e 4 chromo-litho-  
graphias, enc. perc. . . . . 8\$000
- Novo manual do cozinheiro**, ou Arte da cozinha posta ao  
alcance de todos, por CONSTANTIN CARNEIRO, chefe de cozi-  
nha. 1 v. in-18 com estampas, enc. . . . . 2\$500
- Novo manual epistolar**, ou Arte de Escrever todo o genero  
de cartas segundo o gosto actual. 1 v. in-18 enc. . . . . 2\$000
- Orador popular**, por JOSÉ ALVES CASTILHO. 1 v. in-8.º  
enc. . . . . 3\$000  
Este livro contém modelos de discursos, uma infinidade de  
modelos, desde o de « duas palavras » que se dizem á sobre-  
mesa, em dia de annos, até a oração funebre, que se pronun-  
cia á beira de um tumulto aberto. E de grande utilidade pra-  
tica.
- Secretario brasileiro**. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3\$000  
O *Secretario* é um livro que contém nada menos de 306 mo-  
delos de cartas; ha n'elle cartas para o que a gente precisar,

desde pedir desculpa de não ir a uma festa, até rogar ao senhorio mais alguns dias de praso para o pagamento da casa. O *Secretario* não é um livro — é um thesouro.

O *Secretario* e com o *Orador*, tendo-se boa memoria, um homem pôde rir desdenhosamente das cartas em que ha *amigo* com dous *mm* e dos discursos interrompidos frequentes vezes por aquillo a que chamam « caroço ».

**Thesouro das familias** ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. Collecção de 1952 receitas utilissimas e necessarias a todas as classes da sociedade, sobre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, etc., etc. Obra extrahida e compilada dos autores os mais afamados e os mais modernos de todos os paizes e augmentada de muitas e variadas receitas privadas e ineditas; por VICTOR RENAULT. 1 grosso v. nitidamente impresso e enc. . . . . 6\$000

**Tatado completo sobre o porco**, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *molestias e seu tratamento*, seguida da **criação do coelho** e dos differentes modos de ecommodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *cupivara*, a *paca* a *cutia* e o *porquinho da India*, a companhia do **Chareuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como: presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc., por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.º ornado de numerosas gravuras, enc. . . . . 3\$000

**Tratado da fabricação da Liçôres**, por BEDEL. 1 vol. br. . . . .

**Tratado de cultura da Canna de assucar**, trad. hespanhol por REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4.º enc. br. 6\$000. . . . . 4\$000

**Tratado pratico de Medicina veterinaria**. Arte da prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o cão; e contendo a Anatomia, a Physiologia e Hygiene, Symptomas, o Tratamento das doenças, a Therapeutica, o modo de administrar os remedios e a inoculação preventiva por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura. Obra traduzida da ultima edição franceza, ornada de 35 gravuras. 1 vol. in-8.º, enc. . . . . 4\$000

**Tratado pratico da fabricação do queijo e da manteiga**, acompanhado de um tratado sobre as *vaccas*, *cabras* e *carneiros* meios praticos sobre a criação, reproducção e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc. . . . . 3\$000

**Trado do mundo (O)**, por DUFAUX DE LA JONCHÈRE, traducção de SIMÕES DA FONSECA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 5\$000

**Util Cultivador (O)** instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima, pelo Dr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO. 1 v. in-4.º enc . . . . . 5\$000

#### OBRAS DE SAMUEL SMLES

**Ajuda-te**, ou character, comportamento e perseverança. Trad. de\*\*\*, 1.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br . . . . . 3\$000  
**Character (O)**, traduzido por D. ADELAIDE PEREIRA. 1 grosso v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000  
**Dever (O)**, com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000  
**Economia Domestica Moral** ou a felicidade e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.º br. 3\$000  
**Poder da Vontade**, ou character, comportamento e perseverança. Trad. de A. J. FERNANDES DOS REIS, 2.º edição. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000  
**Vida (A) e o Trabalho**, traducção de CORINNA COARACY. 1 vol. in-8.º enc. 4\$000, br. . . . . 3\$000

#### HYGIENE DA GERAÇÃO

Pelo Dr. P. Garnier

**O Matrimonio** considerado nos seus deveres, relaçãoeeo effeitos conjugaes desde o ponto de vista legal, hygienni physiologico e moral, 1 v. in-8.º, com 36 gravuras, ees 5\$000, br . . . . . 4\$000  
**A Esterilidade humana e o hermaphrodismo no homem e na mulher.** 1 vol. in-8.º com gravuras, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000  
**O Celibato e os eclibataricos**, caracteres, perigos e hygiene nos dois sexos, 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000  
**A Geração Universal**, Leis, Segredos e Mystérios no homem e na mulher, 1 vol. in 8.º numerosas gravuras no texto, enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000  
**O Onanismo só e a dois**, desde todas as fórmias e consequencias, 1 gr. v. in-8.º . . . . .  
**Impotencia physica e moral nos dois sexos.** Causas signaes, remedios, 1 v. in-8.º, com gravuras. enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000  
**Phytographia ou Botanica Brasileira** applicada ás artes e industrias, seguida de um supplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades pelo Dr. J. A. DE MELLO MORAES. Um grosso volume in-4º, com 550 paginas, em bom papel e nitida impressão, enc. . . . . 15\$000

**Revista da Exposição Anthropologica**, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. Obra illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-folio enc. . . . . 10\$000

*Em preparação :*

**As Anomalias sexuaes**, apparentes e occultas, com 230 observações, 1 v. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000  
**O Males de Amor**, contagio, preservativos e remedios com 112 observações, 1 vol. in-8.º enc. 5\$000, br. . . . . 4\$000

OBRAS RECREATIVAS, HUMORISTICAS, ETC.

**BIBLIOTHECA POPULAR**

*Cada vol. 500 reis.*

- Historia da Princeza Magalona**. Novissima edição, 1 v. br.  
**Historia da Donzella Theodora**, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br.  
**Historia de João de Calais**. Novissima edição, 1 v. br.  
**Historia do Pelle de Asno**, ou a **Vida do Principe Cyrillo**. Novissima edição, 1 v. br.  
**Historia jocosa dos Tres corcovados de Setubal**, Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se descreve o equivoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br.  
**Historia do Grande Roberto do Diabo**, Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, pelo que mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, pelo que mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br.  
**Historia da Imperatriz Porcina**, mulher do Imperador Ladonio de Roma. Novissima edição, 1 v. br.  
**Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze pares de França**, contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br.  
**Confissão geral do Marujo Vicente** por via das rogativas que lhe fez sua mulher **Joanna** e sua aparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br.  
**Despedida de João Brandão** a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da **Resposta de Carolina Augusta**. Novissima edição, 1 v. br.  
**Maria José**, ou a filha que assassinou, degolou e esquer-

tejou sua propria mãe Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848. 1 v. br.

**Simplicidades de Bertoldinho**, filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcofia, sua mãe. Novissima edição, 1 v. br.

**Vida de Cacasseno**, filho de simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição, 1 v. br.

**A noite na Taverna**, cantos phantasticos por ALVARES DE AZEVEDO. Precedido de um esboço biographico pelo DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. br.

**Galatée. Egloga.** 1 v. br.

**Vozes d'Africa. O Navio negroiro**, tragedia no mar. 1 v. br.

**Disputa divertida** das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para e pessoa que fôr casada. 1 v. br.

**Os Eseravos. Manuscriptos de Stenio.** 1 v. br.

**Bom (O) do Sr. Leitão**, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12º, enc. 1\$600, br . . . . . 1\$000

**Cartas Magicas.** Adivinhações faceis por meio da leitura de amenos versos. Um estojo com 32 cartas comprehendendo os quatro naipes, bem impressos e dignas do fim a que se destinam. . . . . 1\$600

**Conselheiro dos Amantes (O).** Collecção de diferentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos, seguido de um appendice contendo a linguagem das flôres, emblema das côres, terminando pelo telegrapho amatorio, ou modo de fazer signaes, nova edição. 1 v. in-8º br. . . . . 500

**Contos Jocosos**, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12º enc. 1\$600, br . . . . . 1\$000

**Cornucopia dos Salões.** Livro indispensavel a todos quantos desejem passar e mplena alegria. Mil noites festivas. Contendo completa collecção de sortes, jogos de sociedades, 1 v. in-8º enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

**Dados da Fortuna.** Modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brasileira, contendo 48 perguntas e 1,056 respostas em quadras rimadas. 1 v. in-8º, br. . . 1\$600

**Diccionario das Flôres**, folhas, fructas, hervas e objectos mais usuaes, com significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 v. br. . . 500

**Esphingo (A).** Palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias a aguçar o espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brasileiras, e para desenfado, recreio e passatempo sempre agradavel nas noites de fogueiras de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. 1 v. in-8º. . . . . 1\$300

- Jogo da Conversação** bello entretenimento de perguntas e respostas ou disparates e acertos engraçados para passatempo das familias brasileiras, 2 estojos com 100 perguntas e 100 respostas. . . . . 3\$200
- Letras Mysteriosas. — Adivinhações faccis** por meio da leitura de trechos em prosa. Um elegante estojo com 25 bonitos cartões nitidamente impressos . . . . . 1\$600
- Livro des Sonhos**, no qual se encontra a sua explicação ao alcance de qualquer pessoa. 1 v. in-12, br. . . . . \$500
- Livro (O) dos Sonhos**, edição revista e corrigida, illustrada. 1 v. in-18°. . . . . 2\$000
- Adivinhador. Livro feiticcio das Senhoras**, ou Novissimo oraculo de donas e donzellas, contendo 70 perguntas e 1,120 respostas de fazer pasmar pelo seu acerto, por O ADIVINHADOR. 1 v. in-8°, nitida edição. . . . . 1600
- Cartoes de amor.** Jogo dialogado e em versos entre damas e cavalleiros para desenfado das noites de inverno. Um estojo com 100 cartões. . . . . 1\$600
- Um marido por um pé de meia**, por KOCK JUNIOR, 1 v. in-12°, enc. 1\$600 . . . . . 1\$000
- Mata-Horas (O) Aborrecidas.** Nova e interessantissima collecção de jogos de sociedade, comprehendendo 127 jogos de prendas e de espirito ou imaginação, de dansa, de musica, de penitencia e de mystificação. 1 volume in-8°, bem impresso. . . . . 1\$600
- Mensageiro dos amantes**, ou Arte de agradar e obter successos em amores. Contêm modelos de correspondencia galante em todos os casos possiveis. 1 estampa. 1 volume in-18° . . . . . 2\$000
- Mosaico Brasileiro**, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anedotas, curiosidades e factos historicos de brasileiros illustres, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8°, enc. . . . . 3\$000
- Novissimo e completo Manual de dança**, tratado theorico e pratico das danças de sociedade, por ALVARO DIAS PATRICIO. 1 v. in-8°. enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000
- Novo manual** de Jogos de sociedade e de prendas. 1 estampa. 1 v. in-18° . . . . . 2\$000
- Pandego (O)**, por KOCK JUNIOR. 1 volume in-12° enc. 1\$600, br. . . . . 1\$000  
« O Pandego » é uma narrativa cheia de interesse que, sobretudo, se recomanda pela proveitosa lição de moralidade que encerra.
- Oraculo das familias.** 1 v. br. . . . . 1\$600
- Prestidigitação**, por GASTÃO ROBERT. br. 2\$000, enc. 3\$000
- Roda do Destino.** Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brasileiras nas noites de fogueiras,

- contendo 51 perguntas de novos e interessantes assumptos, e 1218 respostas em 4992 versos! Acompanhada de um mecanismo expressamente inventado para se tirar as sortes com toda a certeza e infallibilidade. 1 v. . . . . 3\$500
- Sortes de physica recreativa**, por GASTÃO ROBERT, 1 v. br. 2\$000, enc. . . . . 3\$000
- Sortes de Cartas**, por GASTÃO ROBERT, 1 v. br. 2\$000, enc. . . . . 3\$000
- Verdadeiro oraculo** dos maridos e dos amantes, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas. 1 v. in-12°. . . . . 1\$500
- Verdadeiro livro de S. Cypriano (O.)**. Edição a mais completa, por POSSIDONIO TAVARES. 1 vol. in-8°, br. 3\$000

---

## DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO

ILLUSTRADO

DA

# LINGUA PORTUGUEZA

CONTENDO

Vocabulario portuguez. — Historia. — Biographia.  
Geographia. — Mythologia.

POR

**SIMÕES DA FONSECA**

Antigo professor de Litteratura portugueza em Pariz; Membro e antigo Secretario da Associação litteraria e artistica internacional.

**Terceira edição melhorada**

1 vol. gr. in-18 encadernado. . . . . 8\$000

---

Paris. — Tip. H. GARNIER, 6, rue des Saints-Pères. 302.1.1903

...

ZA

...

...

...

21



BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Collecção in-8º a 2\$000, 3\$000 e 4\$000 broch. Encadernado, 1\$000 a mais por volume.

**Machado de Assis.**

- Contos fluminenses. 1 vol.
- Helena. 1 vol.
- Historias da Meia Noite. 1 v.
- Historias sem data. 1 vol.
- Memorias posthumas de Braz Cubas. 1 vol.
- Papeis avulsos. 1 vol.
- Resurreição. 1 vol.
- Americanas (poesias). 1 vol.
- Chrysalidas (poesias). 1 vol.
- Phalenas (poesias). 1 vol.
- Quincas Borba. 1 vol.
- Yáyá Garcia. 1 vol.
- Paginas Recolhidas. 1 vol.
- Dom Casmurro. 1 vol.

**Magalhães (D. J. G. de)**

- Commentarios e Pensamentos 1 vol.

**Martins Penna.**

- Comedias. 1 vol.

**Mello Moraes Filho (Dr A.S.).**

- Os Ciganos no Brazil. 1 vol.
- Mythos e Poemas. 1 vol.
- Cancioneiro dos ciganos. 1 vol.

**Medeiros e Albuquerque.**

- Mae Tapuia. 1 vol.

**Mendes Pinto (Fernão de).**

- Excerptos. 2 vol.

**Moreira de Azevedo.**

- Lourenço de Mendonça. 1 vol.
- Criminosos celebres. 1 vol.
- Homens do passado. 1 vol.
- Curiosidades. 1 vol.
- Os Francezes no Rio de Janeiro. 1 vol.
- Mosaico brasileiro. 1 vol.

**Norberto de Souza Silva.**

- Brazileiras celebres. 1 vol.

**Oliveira (A. de).**

- Poesias. 1 vol.

**Pereira da Silva.**

- Aspasia. 1 vol.
- Gonzaga, poema. 1 vol.
- Jeronymo Corte Real. 1 vol.
- Manoel de Moraes. 1 vol.
- Os Varões illustres. 2 vol.

**Rozendo Moniz.**

- Favos e Travos. 1 vol.
- Moniz Baretto. 1 vol.

**S. Carlos (Fr. F. de).**

- A Assumpção, poema. 1 vol.

**Sabino (Ignez).**

- Mulheres celebres. 1 vol.

**Seabra (Bruno).**

- Flores e fructos.

**Serra (Joaquim).**

- Quadros, poesias. 1 vol.

**Smiles (Samuel).**

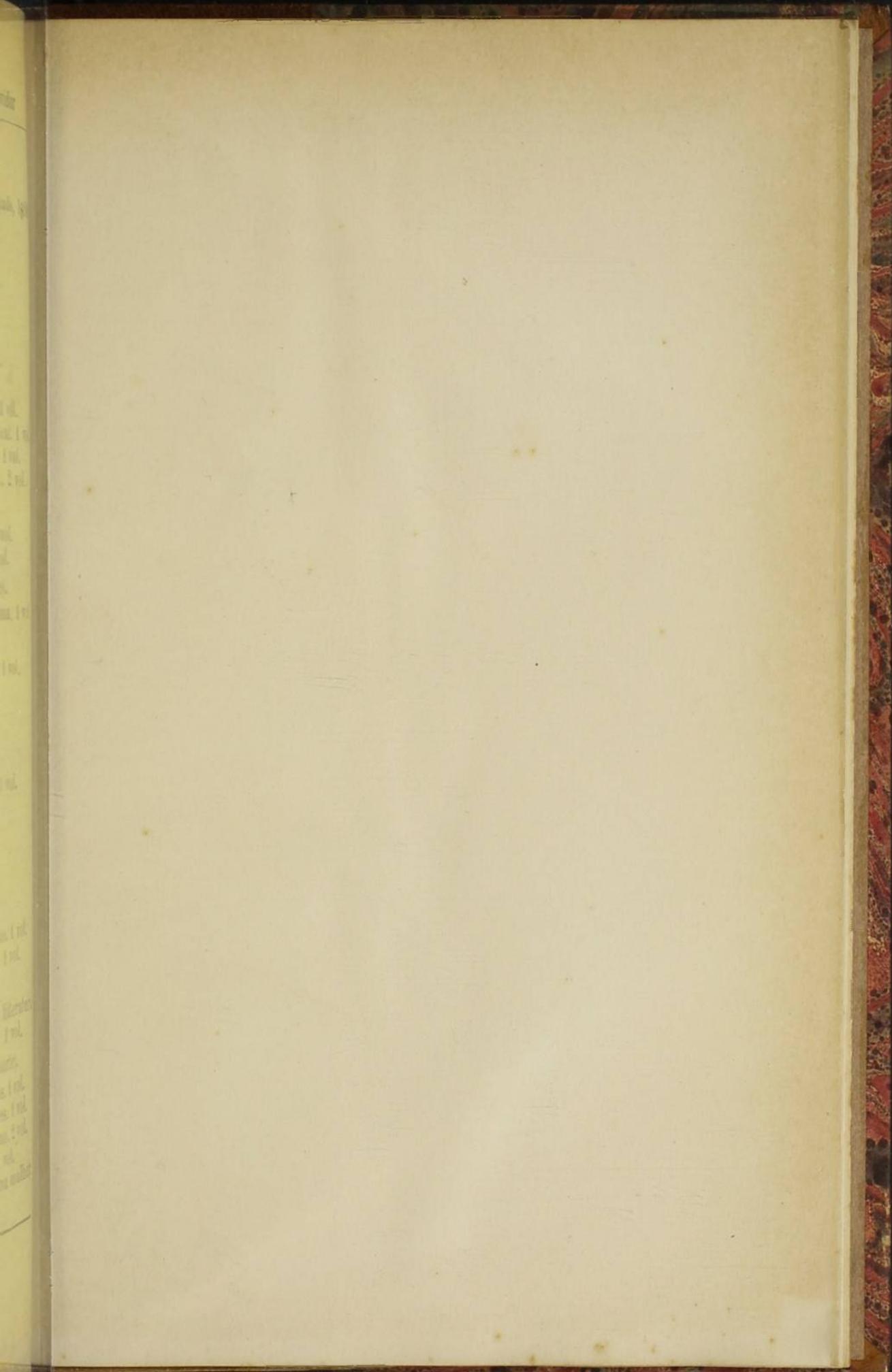
- Ajuda-te. 1 vol.
- O caracter. 1 vol.
- O dever. 1 vol.
- Economia. 1 vol.
- A Vida e o Trabalho. 1 vol.
- Poder da vontade. 1 vol.

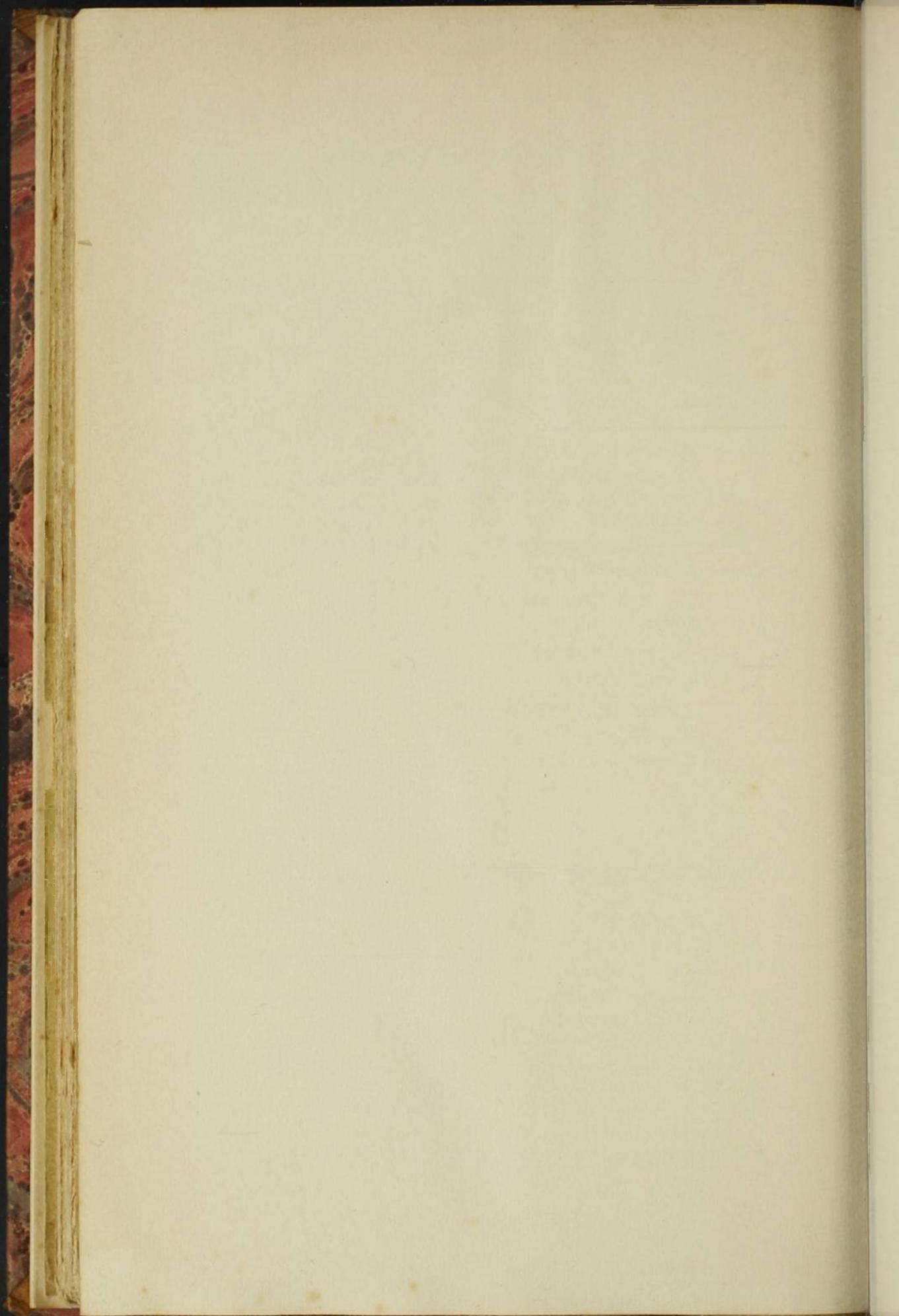
**Sylvio Romero.**

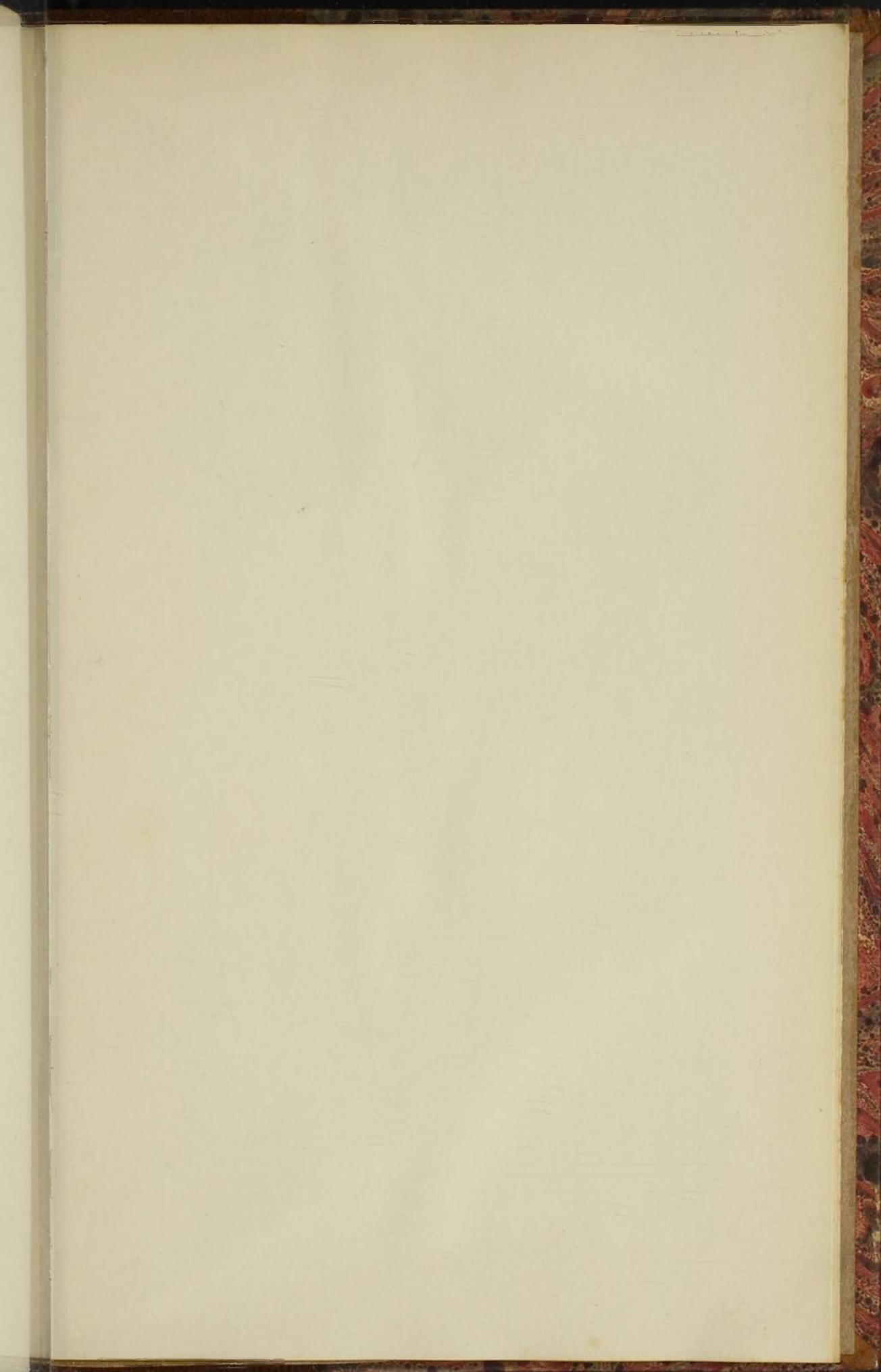
- Novos estudos de litteratura contemporanea. 1 vol.

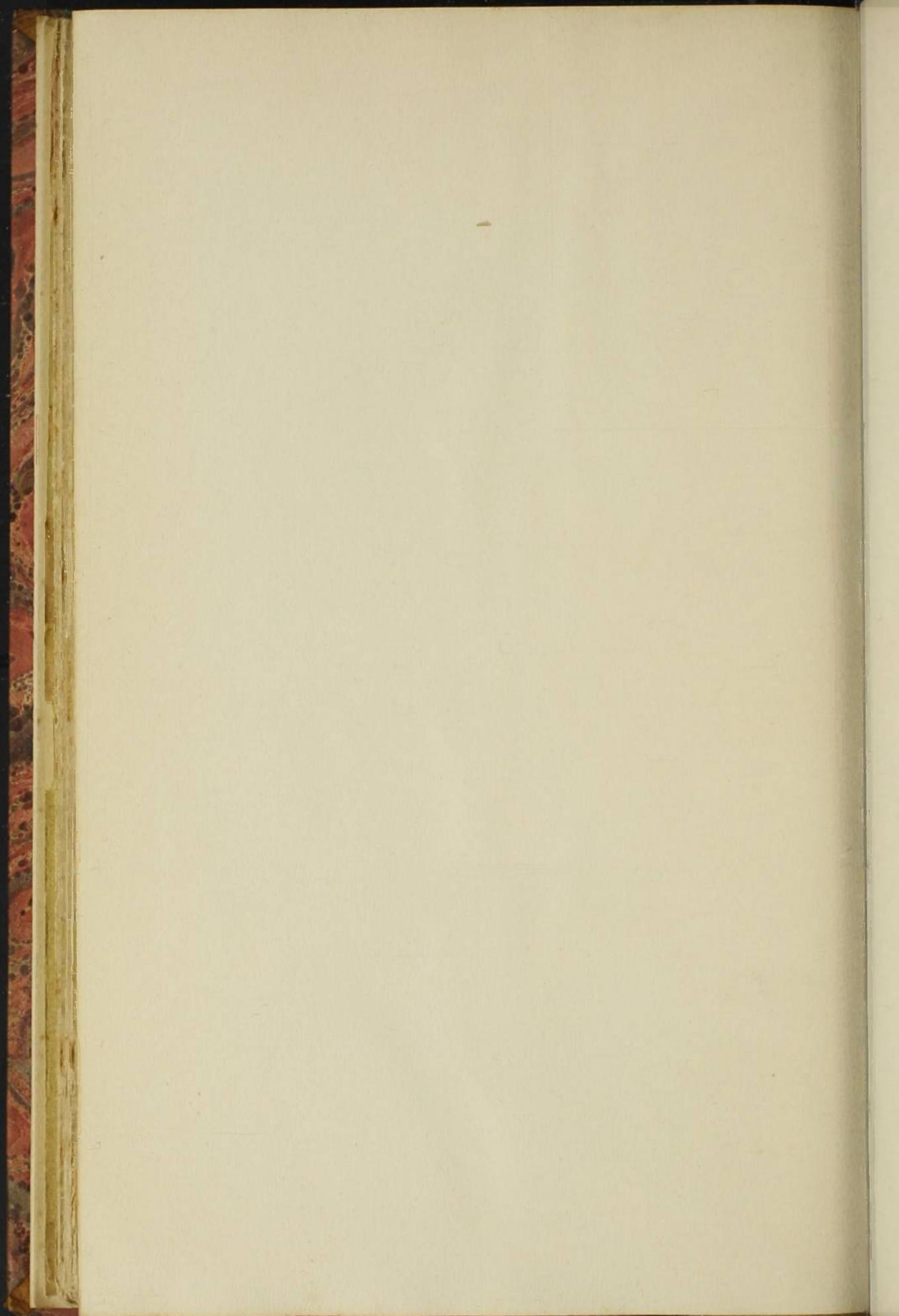
**Taunay (Sylvio Dinarte).**

- Historias Brazileiras. 1 vol.
- Narrativas militares. 1 vol.
- Mocidade de Trajano. 2 vol.
- Ouro sobre azul. 1 vol.
- Manuscripto de uma mulher. 1 vol.











17284



